



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**CARLOS EDUARDO SILVA PINHEIRO**

**AS MARCAS DE HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA COMO ESTRATÉGIAS  
ARGUMENTATIVAS**

**FORTALEZA  
2022**

CARLOS EDUARDO SILVA PINHEIRO

AS MARCAS DE HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA COMO ESTRATÉGIAS  
ARGUMENTATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

Coorientadora: Profa. Dra. Suzana Leite Cortez

FORTALEZA  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

P718m Pinheiro, Carlos Eduardo Silva.  
As Marcas de Heterogeneidade Enunciativa como Estratégias Argumentativas / Carlos Eduardo Silva  
Pinheiro. – 2022.  
100 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante .

Coorientação: Profa. Dra. Suzana Leite Cortez .

1. Heterogeneidades Enunciativas. 2. Linguística Textual. 3. Argumentação . I. Título.

CDD 410

---

CARLOS EDUARDO SILVA PINHEIRO

AS MARCAS DE HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA COMO ESTRATÉGIAS  
ARGUMENTATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 26/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Profa. Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª. Dra. Suzana Leite Cortez  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

## RESUMO

A Linguística Textual (LT), sobretudo a praticada no Brasil pelo grupo de pesquisa Protexto (CNPq), da Universidade Federal do Ceará, e pelo Grupo de Estudos em Linguística Textual (Gelt/CNPq), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, tem assumido os pressupostos teóricos de que as Heterogeneidades Enunciativas e a Argumentação são condições constitutivas dos textos. Por isso, esses grupos têm procurado investigar as estratégias mobilizadas pelos locutores em textos de diferentes gêneros discursivos e, para tanto, reivindicam um diálogo interdisciplinar entre os pressupostos fundamentais da LT, o aparato teórico da Teoria da Enunciação, de Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020) e a Teoria da Argumentação nos Discursos (TAD) de Ruth Amossy (2017, 2018, 2019). Seguindo esses pressupostos e entrevedo a ampliação da discussão em torno deles, a presente dissertação teve como objetivo analisar as estratégias argumentativas desempenhadas pelas marcas textuais de Heterogeneidade Enunciativa em textos publicados na rede social digital *Twitter*. Este estudo se justifica pelo alinhamento com o interesse da LT em investigar como os locutores constroem sentidos *nos* e *através* dos textos quando gerenciam argumentativamente as vozes que atravessam o seu enunciado. Além disso, pretendia-se avançar na caracterização das Heterogeneidades Enunciativas considerando-as não do ponto de vista puramente enunciativo, mas textual e argumentativo. Por isso, seguimos Cavalcante et al. (2020a) ao pensar os modos de instanciação das heterogeneidades nos textos não como “formas discursivas”, como trata Authier-Revuz, mas como “marcas textuais” na tessitura argumentativa dos textos. Nosso interesse em analisar textos publicados no *Twitter* justificou-se pelas particularidades languageiras, linguísticas, interacionais e tecnológicas que essa mídia digital disponibiliza para a construção dos sentidos dos textos que nela circulam. Portanto, o estudo realizado sobre o uso das marcas de Heterogeneidade Enunciativa como estratégias mobilizadas para a construção da argumentação nos textos é relevante, oportuno e necessário, visto que permitiu compreender não apenas o modo pelo qual os locutores representam a si e aos outros em seus discursos, mas, sobretudo, como essa representação constitui um fazer argumentativo complexo utilizado para fins de persuasão.

**Palavras-chave:** heterogeneidades enunciativas; linguística textual; argumentação.

## ABSTRACT

The Text Linguistics, especially the one practiced in Brazil by the research group Protexto (CNPq), from the Federal University of Ceará, and by the Grupo de Estudos em Linguística Textual (Gelt/CNPq), from the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony, has assumed the theoretical assumptions that Enunciative Heterogeneities and Argumentation are constitutive conditions of texts. Therefore, these groups have sought to investigate the strategies mobilized by speakers in texts of different discursive genres and, to this end, claim an interdisciplinary dialogue between the fundamental assumptions of Text Linguistic, the theoretical apparatus of the Theory of Enunciation, by Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020) and the Theory of Argumentation in Discourses (TAD) by Ruth Amossy (2017, 2018, 2019). Following these assumptions and anticipating the expansion of the discussion around them, the present dissertation aimed to analyze the argumentative strategies played by the textual marks of Enunciative Heterogeneity in texts published in the digital social network Twitter. This study is justified by the alignment with the interest of LT in investigating how speakers construct meaning in and through texts when they manage argumentatively the voices that cross their utterance. Moreover, we intended to advance in the characterization of Enunciative Heterogeneities considering them not from a purely enunciative point of view, but textual and argumentative. Therefore, we follow Cavalcante et al. (2020a) in thinking about the modes of instantiation of heterogeneities in texts not as "discursive forms", as Authier-Revuz treats, but as "textual marks" in the argumentative texture of texts. Our interest in analyzing texts published on Twitter was justified by the linguistic, interactional and technological particularities that this digital media makes available for the construction of the meanings of the texts that circulate on it. Therefore, the study carried out on the use of Enunciative Heterogeneity marks as strategies mobilized for the construction of argumentation in texts is relevant, timely and necessary, since it allowed us to understand not only the way in which speakers represent themselves and others in their discourses, but, above all, how this representation constitutes a complex argumentative process used for persuasion.

**Keywords:** enunciative heterogeneities; text linguistics; argumentation.

## RÉSUMÉ

La Linguistique Textuelle (LT), en particulier celle pratiquée au Brésil par le groupe de recherche Protexto (CNPq), de l'Universidade Federal do Ceará, et par le Grupo de Estudos em Linguística Textual (Gelt/CNPq), de l'Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, est partie du principe théorique que les hétérogénéités énonciatives et l'argumentation sont des conditions constitutives des textes. Par conséquent, ces groupes ont cherché à étudier les stratégies mobilisées par les locuteurs dans des textes de différents genres discursifs et, à cette fin, revendiquent un dialogue interdisciplinaire entre les hypothèses fondamentales de la LT, l'appareil théorique de la théorie de l'énonciation de Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020) et la théorie de l'argumentation dans les discours (TAD) de Ruth Amossy (2017, 2018, 2019). En suivant ces hypothèses et en entrevoyant l'expansion de la discussion autour d'elles, la présente thèse a eu pour objectif d'analyser les stratégies argumentatives jouées par les marques textuelles de l'hétérogénéité énonciative dans des textes publiés sur le réseau social numérique Twitter. Cette étude se justifie par la concordance avec l'intérêt de LT d'étudier comment les locuteurs construisent du sens dans et par les textes lorsqu'ils gèrent de manière argumentée les voix qui traversent leur énonciation. De plus, nous avons voulu avancer dans la caractérisation des Hétérogénéités énonciatives en les considérant non pas d'un point de vue purement énonciatif, mais textuel et argumentatif. Par conséquent, nous suivons Cavalcante et al. (2020a) en pensant les modes d'instanciation des hétérogénéités dans les textes non pas comme des " formes discursives ", comme le traite Authier-Revuz, mais comme des " marques textuelles " dans le tissage argumentatif des textes. Notre intérêt pour l'analyse des textes publiés sur Twitter s'est justifié par les particularités linguistiques, interactionnelles et technologiques que ce média numérique offre pour la construction des significations des textes qui y circulent. Par conséquent, l'étude réalisée sur l'utilisation des marques d'hétérogénéité énonciative comme stratégies mobilisées pour la construction de l'argumentation dans les textes est pertinente, opportune et nécessaire, puisqu'elle a permis de comprendre non seulement la manière dont les locuteurs se représentent eux-mêmes et les autres dans leurs discours, mais surtout comment cette représentation constitue une fabrication argumentative complexe utilisée à des fins de persuasion.

**Mots clés:** hétérogénéités énonciatives; linguistique textuelle; argumentation.

À escola pública. Aos professores.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela amizade e por ter me ensinado a perseverar quando não existia mais nenhuma esperança. Obrigado!

Agradeço à Antonia Maria da Silva, minha mãe, por sempre ter cuidado de mim e dos meus irmãos e por ter me mostrado o valor do trabalho desde que eu era criança. Obrigado!

Agradeço a Antonio Carlos Olímpio Pinheiro, meu pai, pela coragem de assumir sua imperfeição e vontade de querer mudar. Obrigado!

Agradeço a Carlos Henrique Silva Pinheiro e Carlos Natanael Silva Pinheiro, meus irmãos, pela paciência, amizade e por sempre me inspirarem com seus talentos, tão singulares e diferentes dos meus. Obrigado!

Agradeço à Raimunda Olímpio Pinheiro, avó que também é mãe, amiga e confidente. Obrigado pelo abrigo, pelo abraço e pelo feijão quentinho no fogão à lenha.

Agradeço à Maria Dayanne Sampaio Falcão, amiga e irmã de coração, que apareceu na minha vida para me ensinar a dar passos curtos e a saber voltar atrás quando necessário. Obrigado!

Agradeço à Edilene Araújo, minha professora de português no ensino médio, que me ensinou a amar o aprender e o ensinar. Obrigado!

Agradeço à Tia Socorrinha, como prefiro chamar a primeira professora da minha vida, dos tempos da Alfabetização, e que, anos depois, me deu a honra de ser revisor de sua tese de dissertação. Obrigado!

Agradeço a todos os meus professores da educação básica e, para isso, cito as escolas, todas públicas, nas quais estudei ao longo da vida: EMEIF Boanerges Jacó, EMEF Francisca Amélia da Silva e EEEM Danísio Dalton da Rocha Corrêa, todas localizadas em Barreira, Ceará.

Agradeço ao Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho, por ter me fascinado com suas aulas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e por ter me aceito como voluntário em um projeto de pesquisa que me permitiu conhecer a Linguística Textual. Obrigado!

Agradeço à Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito, minha orientadora na Graduação, pela generosidade, paciência e amizade. Tenho muito orgulho de ter sido o primeiro orientando da sua carreira como professora. Obrigado!

Agradeço à Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, minha orientadora de Mestrado, por ter me orientado desde o nosso primeiro encontro, quando ainda estava na Graduação, e

por ter me dito palavras tão bonitas e que me incentivaram a ser quem sou. Obrigado pela paciência e pela generosidade. É um honra fazer parte da sua vida. Obrigado!

Agradeço, finalmente, ao Tempo. Obrigado!

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>A TEORIA DAS HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS</b> .....	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Discurso e Texto</b> .....	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Sujeito e Alteridade</b> .....	<b>19</b>
<b>2.3</b>	<b>Heterogeneidade Constitutiva e Heterogeneidade Mostrada</b> .....	<b>21</b>
<b>2.3.1.</b>	<i>Parâmetro 1: o grau de explicitação</i> .....	<b>25</b>
<b>2.3.2</b>	<i>Parâmetro 2: A relação do enunciado com o "exterior" convocado</i> .....	<b>29</b>
<b>2.3.3</b>	<i>Parâmetro 3: o modo de negociação do locutor com a "exterioridade" convocada</i> .....	<b>33</b>
<b>2.3.3.1</b>	<i>As formas segmentais</i> .....	<b>35</b>
<b>2.3.1.2.1</b>	<i>As Não coincidências do Dizer</i> .....	<b>35</b>
<b>2.3.1.2.2</b>	<i>As Figuras do Bem Dizer</i> .....	<b>39</b>
<b>2.3.1.2.3</b>	<i>As Modalidades Irrealizantes do Dizer</i> .....	<b>42</b>
<b>2.3.1.3</b>	<i>Formas suprasegmentais</i> .....	<b>46</b>
<b>2.3.1.3.1</b>	<i>As aspas</i> .....	<b>47</b>
<b>2.4</b>	<b>Atualização teórica: a Representação do Discurso Outro (RDO)</b> .....	<b>53</b>
<b>3</b>	<b>A TEORIA DAS HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS NOS ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA TEXTUAL</b> .....	<b>58</b>
<b>4</b>	<b>A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO</b> .....	<b>71</b>
<b>5</b>	<b>DECISÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA</b> .....	<b>85</b>
<b>5.1</b>	<b>Caracterização da pesquisa</b> .....	<b>85</b>
<b>5.2</b>	<b>Delimitação do universo da pesquisa e tipo de amostragem</b> .....	<b>86</b>
<b>5.3</b>	<b>Descrição dos procedimentos de coleta e análise dos dados</b> .....	<b>86</b>
<b>6</b>	<b>AS MARCAS DE HETEROGENEIDADE NA CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA DOS TEXTOS</b> .....	<b>87</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>97</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Fundamentando-se na teoria psicanalítica freudo-lacanianiana e no dialogismo do Círculo de Bakhtin, Authier-Revuz (2004) estrutura um campo para a descrição e análise das formas da língua através das quais o sujeito negocia com a alteridade que atravessa obrigatoriamente o seu dizer. A noção de sujeito de Authier-Revuz não é a mesma noção de sujeito dos estudos pragmático-comunicacionais, pois enquanto estes compreendem o sujeito como fonte consciente e intencional dos sentidos que constrói nos textos que produz, aquela considera que o sujeito é uma estrutura complexa marcada pelas coerções do interdiscurso e pela clivagem pelo inconsciente, que se manifesta na linguagem no jogo de falhas que constituem todo o dizer, escapando ao controle de quem enuncia. Por esse motivo, a perspectiva assumida por Authier-Revuz é a de um sujeito que não domina completamente as palavras que enuncia porque é atravessado por uma dupla alteridade: a do dialogismo discursivo e a do inconsciente. Para a pesquisadora, o sujeito tem apenas uma ilusão de domínio sobre as coisas que enuncia.

Embora concordemos com Authier-Revuz quanto à proposição de que o locutor é estruturalmente dividido e atravessado por coerções interdiscursivas, entendemos que as escolhas linguísticas que ele realiza na tentativa ilusória de ter domínio de seu dizer podem, sim, ser analisadas como estratégias de um sujeito intencional, pois elas expressam a subjetividade do sujeito e os seu modos de negociar linguisticamente com a alteridade. Pensamos que essas escolhas manifestam manobras enunciativas que contribuem para a tessitura argumentativa dos textos e que, por isso, podem ser analisadas a partir de uma perspectiva textual e retórica, focalizando a construção dos sentidos por meio da língua. Resumidamente, assumimos que o sujeito não pode controlar completamente as coisas que enuncia, mas é capaz de orientá-las argumentativamente por meio das suas escolhas linguísticas.

Entendemos, segundo Marcuschi (2008), que o sujeito é aquele que ocupa um lugar no discurso e que está sempre em relação com o outro. Conforme Cavalcante et al. (2020a), os sujeitos sempre realizam escolhas com a intenção de influenciar seu auditório, e essas escolhas não se restringem à seleção vocabular, porque envolvem categorias do âmbito do texto. Por isso, concordamos com Cavalcante e Fonseca (2018) quando afirmam que essa noção de sujeito ao mesmo tempo estruturalmente clivado e estratégico precisa ser considerada pelos estudos do texto, pois a análise de como o sujeito se coloca e se esconde em seus textos mediante certos mecanismos linguísticos sinalizaria para os jogos de pontos

de vista que se aproximam e se afastam na argumentação retórico-discursiva de um enunciado.

Defendemos que flagrar o aparecimento das marcas de Heterogeneidade Enunciativa em um texto permite verificar o momento pontual em que o dizer se torna o seu próprio objeto. Pensamos, assim, que essas marcas são como máscaras de vidro porque revelam mais do que escondem. Essa negociação do sujeito com as incompletudes da língua evidencia uma tentativa de disfarçar a ferida exposta - a Heterogeneidade Constitutiva do dizer - com bandagens cotextuais, sem que se consiga, efetivamente, eliminá-la do caminho enunciativo.

A relevância desta pesquisa consiste no fato de que tratamos o fenômeno descrito por Authier-Revuz a partir de uma perspectiva argumentativa e não apenas enunciativa. Seguimos, para isso, Cavalcante e Fonseca (2018), pois, para a condução teórico-metodológica da LT, não seria possível dar explicações exclusivamente enunciativas, nem abordar somente a descrição formal dos fatos de Heterogeneidade Enunciativa, como o faz Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020). O que nos interessou foi uma análise do fenômeno em textos autênticos para além do seu aspecto enunciativo imediato, tratando-o, primeiramente, por sua constituição e por suas marcas de representação nos textos e, em seguida, por suas funções no desenvolvimento argumentativo.

Certamente, Authier-Revuz não se interessou pela análise das estratégias argumentativas que certas marcas de Heterogeneidade Enunciativa poderiam desempenhar nos textos, porque seu objetivo era descrever um conjunto de formas da língua pelas quais fosse possível analisar a alteridade nos modos de enunciar. Assim, como exímia neoestruturalista, sua intenção era observar, organizar e descrever as estratégias mobilizadas pelos locutores para enfrentar a alteridade que afeta o seu dizer e não analisá-las como estratégias relacionadas a um fazer persuasivo. Por isso, dentro do que se propõe a descrever, tendo em vista os parâmetros teórico-metodológicos de uma Linguística da Enunciação, Authier-Revuz não teve o propósito de realizar uma análise discursivo-retórica das Heterogeneidades Enunciativas.

No presente estudo, não nos contrapomos à descrição realizada pela autora, pois a utilizamos para os propósitos que nos interessam. Reivindicamos apenas que as marcas de heterogeneidade, se reconduzidas para uma perspectiva argumentativa dos discursos através de textos, podem possibilitar uma análise promissora dos meios pelos quais os modos de administrar as vozes na enunciação atestam a negociação dos sentidos na condução argumentativa dos textos. Assim sendo, uma análise argumentativa da metaenunciação colaboraria para a compreensão de como a organização dos dizeres no texto influencia na sua

dimensão persuasiva.

O estudo que propomos apoia-se em investigações anteriores, sobretudo a empreendida por Brito e Pinheiro (2018). Esses pesquisadores dedicaram-se à análise dos usos argumentativos das não coincidências do dizer, um tipo específico de Heterogeneidade Enunciativa, em textos de popularização da ciência extraídos da revista *Nova Escola*. Os resultados dessa pesquisa revelaram que as não coincidências do dizer podem desempenhar diferentes *funções argumentativas*. É *função argumentativa* (não *estratégia argumentativa*) a expressão usada pelos autores para falar do potencial persuasivo de uma marca de Heterogeneidade Enunciativa. Vale, então, um esclarecimento: se preferimos, neste estudo, falar dessas marcas como *estratégias argumentativas* é porque, primeiro, assumimos que toda escolha textual é estratégica e argumentativamente orientada e, segundo, porque os sentidos dos textos não são predeterminados pelas *funções* das palavras selecionadas pelo locutor. Mas não estamos empregando o termo *função argumentativa* para nenhum funcionamento dado *a priori*. Estamos supondo que, para uma pesquisa retórico-argumentativa no âmbito da linguística textual, observar as formas de heterogeneidade enunciativa é bastante relevante para analisar o jogo de vozes que podem apontar para diferentes pontos de vista. Hipotetizamos que um mesmo tipo de marca (ou até uma mesma marca) pode desempenhar estratégias argumentativas diferentes a depender do texto em que se encontra. O que se pode (e ainda de forma arriscada) é mais ou menos prever as estratégias argumentativas possíveis para cada marca, sempre considerando fatores contextuais, como gênero, suporte, mídia e toda a relação social entre os locutores no momento sócio-histórico em que se encontrarem. Dessa forma, estamos alinhados com o pressuposto da Linguística Textual de que o texto é um evento único e irrepitível.

Pensamos, seguindo Cavalcante (2013), que os sentidos dos textos são sempre construídos na e pela interação sociocomunicativa e, por isso, as palavras podem apenas desempenhar, eventualmente, essas ou aquelas estratégias dentro de um texto autêntico e sócio-historicamente situado. Assim, falar das *funções argumentativas* de determinadas palavras poderia parecer situar os sentidos do texto no domínio exclusivamente linguístico, como se as palavras pudessem elas mesmas exercer uma orientação argumentativa à revelia dos interesses do locutor, o que contradiz os pressupostos linguístico-textuais. Quem orienta um texto argumentativamente é o locutor por meio das palavras que escolhe estrategicamente, sempre considerando o caráter linguístico, discursivo e interacional que contextualiza a enunciação. Portanto, quando tratarmos de "funções", será sempre tendo em vista os modos estratégicos pelos quais as marcas de heterogeneidade são empregadas pelo

locutor na busca de influência sobre o outro. É neste ponto que as heterogeneidades enunciativas podem ser articuladas com a argumentação retórico-discursiva de Amossy (2018) dentro da LT.

Fonseca ([2011] 2015) foi quem primeiro explorou os usos argumentativos da Heterogeneidade Enunciativa ao propor uma abordagem retórica para as não coincidências do dizer. O autor analisou a ocorrência desse tipo específico de Heterogeneidade Enunciativa em artigos acadêmicos e artigos de opinião, gêneros discursivos cuja sequência textual dominante é a argumentativa, e relacionou as marcas encontradas às técnicas argumentativas da Nova Retórica, de Perelman e Tyteca (2005).

Desse estudo pioneiro, destacamos duas contribuições que aproveitamos em nossa pesquisa. A primeira é a discussão que o autor realiza em torno das semelhanças entre a teoria das Heterogeneidades Enunciativas e o dialogismo bakhtiniano. Para ele, a diferença fundamental entre essas duas abordagens é o fato de a primeira incluir em sua descrição da não-univocidade da língua as coerções do inconsciente e não apenas a do interdiscurso, como propôs o dialogismo. Assim, Authier-Revuz propicia uma ampliação dos pressupostos bakhtinianos, permitindo o reconhecimento de que a alteridade pode ser manifestada nos textos não só pela relação com outros "*exteriores*", mas também com outros "*interiores*", aqueles motivados pelas coerções do inconsciente no sujeito. Estamos mantendo a terminologia "*exteriores*", usada por Authier-Revuz, apenas para constatações feitas pela autora. Em LT, no entanto, não fazemos separação entre o que é estritamente linguístico e o que a autora tomava como extralinguístico, por estar na dimensão dialógica, ou na dimensão do inconsciente. O texto, para nós, é um todo, que necessariamente compreende o jogo entre todas essas vozes.

Outra contribuição de Fonseca está, obviamente, na análise efetuada pelo pesquisador. Depois de localizar as ocorrências de não coincidências em artigos acadêmicos e artigos de opinião, Fonseca (2015) verificou se estas expressões faziam ou não parte de um argumento e, em caso afirmativo, de que tipo de argumento. Depois disso, procurou determinar qual a função argumentativa (destacamos, mais uma vez, nossa objeção ao uso da expressão “função argumentativa”) que cada expressão de não coincidência cumpria nos argumentos. Desse modo, o pesquisador constatou que as não coincidências do dizer cumprem diversas funções argumentativas, entre as quais citamos:

- i) mostram que tipo de sujeito é o que enuncia;
- ii) revelam as intenções pragmáticas desse sujeito que quer convencer ou manipular;
- iii) revelam o nível de comprometimento do sujeito com aquilo que enuncia;

- iv) estabelecem acordos para conduzir o discurso;
- v) mostram os processos inconscientes de análise do sistema linguístico dos quais o sujeito faz uso.

Essas constatações são praticamente pressupostos que podem já ser admitidos nesta pesquisa, mas há muito o que responder quanto a aspectos retórico-discursivos que ultrapassam as técnicas argumentativas que compõem a maior parte do aparato teórico da Nova Retórica, de Perelman e Tyteca. Conforme esclarece Amossy (2019), o domínio da Nova Retórica distancia-se da linguística e encontra espaço no âmbito da filosofia e do direito. Pensamos, portanto, que a Nova Retórica se concentra excessivamente nas técnicas argumentativas e deixa de lado aspectos discursivos importantes para as pesquisas textuais e discursivas, como a noção de sujeito clivado e a ideia mais ampla de contexto do enunciado. Perelman e Tyteca (2015) visam menos compreender como a argumentação se manifesta nas interações mediadas pelo uso da língua que propor uma taxonomia de técnicas argumentativas relacionadas a esquemas de pensamentos abstratos e prováveis que subjazem à argumentação. Concordamos com Amossy (2018) quando propõe que a criação de um repertório de possibilidades de comunicação argumentativa fornecida pela Nova Retórica não considera propriamente os funcionamentos languageiros, pois mostra-se como uma abstração passível apenas de ser verificada concretamente.

Observamos nessa lacuna a oportunidade para assumir outra teoria que melhor se aplica à análise de como a argumentação é textualmente construída. Portanto, recorreremos à Teoria da Argumentação nos Discursos, de Ruth Amossy (2017, 2018, 2019), que sintetiza pressupostos de várias outras teorias da argumentação em função de um estudo da argumentação como atividade languageira, comunicacional, dialógica, genérica, figural e textual. Em nossas análises, partimos da hipótese de que certas estratégias referenciais (com manifestações verbais, imagéticas ou verbo-imagéticas), certas estratégias intertextuais e alguns recursos tecnológicos próprios dos textos que circulam no *Twitter*, como retuítes, capturas de tela e o uso de *hashtags* podem ser analisados como marcas de Heterogeneidade Enunciativa. Essa é outra contribuição desta pesquisa: a avaliação da existência de outros modos possíveis de marcar textualmente a Heterogeneidade Enunciativa para além dos previstos na teoria de base.

Ainda em relação à pesquisa de Fonseca, podemos afirmar que o presente estudo contempla as descrições mais recentes empreendidas por Authier-Revuz das marcas do heterogêneo nos textos. Não nos limitamos às não coincidências do dizer, além disso propomos estabelecer as formas de identificar as heterogeneidades enunciativas.

Nosso interesse em analisar textos publicados no *Twitter* justifica-se pelas particularidades languageiras, linguísticas, interacionais e tecnológicas que essa mídia digital disponibiliza para a construção dos sentidos dos textos que nela circulam. Portanto, como temos defendido, o estudo que propomos sobre o uso das marcas de Heterogeneidade Enunciativa como estratégias mobilizadas para a construção da argumentação nos textos é relevante, oportuno e necessário, visto que permitiu compreender não apenas o modo pelo qual os sujeitos representam a si e aos outros em seus discursos, mas, sobretudo, como essa representação constitui um fazer argumentativo complexo, utilizado para fins de persuasão. Além disso, pensamos que a análise do fenômeno em questão em sua dimensão digital permitirá refletir sobre questões ainda não discutidas pela literatura sobre os modos de gerenciar textualmente a alteridade que atravessa constitutivamente todo e qualquer texto.

O presente estudo divide-se em cinco capítulos. No primeiro, intitulado *A Teoria das Heterogeneidades Enunciativas*, apresenta-se a proposta teórica de Jacqueline Authier-Revuz, suas bases fundadoras, especificidades conceituais, estruturas e atualizações. No segundo capítulo, intitulado *A Teoria das Heterogeneidades Enunciativas nos estudos em Linguística Textual*, apresentam-se os estudos dentro do campo da Linguística Textual que se dedicaram à análise da Heterogeneidade Enunciativa como recurso para a construção de sentidos em textos de diferentes gêneros. No capítulo três, *A Teoria da Argumentação no Discurso*, apontamos as bases sobre as quais orientamos a análise do exemplário da pesquisa, a saber, a assunção da argumentação enquanto atividade languageira, comunicacional, dialógica, genérica, figural e textual. No quarto capítulo, *Decisões metodológicas da pesquisa*, apresentamos os objetivos do estudo, nossas hipóteses, método de pesquisa e descrição da coleta de dados. Por último, no capítulo *Análise das marcas de heterogeneidade na construção argumentativa dos textos*, realizamos a análise do nosso exemplário e tecemos os resultados encontrados a partir das hipóteses estabelecidas no início da investigação.

## 2. A TEORIA DAS HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS

### 2.1 Discurso e Texto

Analisar a Teoria das Heterogeneidades Enunciativas, de Jacqueline Authier-Revuz, é refletir sobre os modos de manifestação cotextual da alteridade nos textos. Por isso, se é verdade que todo percurso pressupõe um ponto de partida, e se pretendemos enveredar pelas pegadas deixadas no texto pela heterogeneidade de vozes que o constitui, precisamos, inicialmente, decidir de onde queremos partir. Nesse caso, iniciamos esta jornada pelo que entendemos ser a noção revuziana de *texto*.

Apesar de Authier-Revuz não ter se dedicado à definição da noção de texto, como o têm feito os estudos em Linguística Textual, provavelmente por não interessar aos seus propósitos investigativos e não se tratar do seu objeto de estudo propriamente dito, é possível inferir o sentido que ela emprega a esta entidade quando assumimos que a autora segrega o discurso enquanto virtualidade da língua da sua efetiva realização pelos falantes. É por isso que a autora utiliza expressões como “linearidade discursiva”, “letra do discurso”, “cadeia material”, “material linguístico”, “superfície do dizer”, “estrutura material da língua” ao referir-se a textos ou a eventos enunciativos e não às virtualidades e possibilidades do discurso. Assim, inferimos que para a pesquisadora, texto é o mesmo que materialidade discursiva.

Esta não é, todavia, a concepção de texto com que lidamos neste estudo, pois não limitamos o texto à materialidade textual. Para a Linguística Textual, o texto é um evento que acontece a cada vez que o sujeito enuncia, sendo suas condições de produção e recepção sempre singulares e irrepetíveis. Além disso, o texto para a LT é uma unidade de comunicação e de sentido em contexto social amplo. Estão, assim, resguardadas as diferenças teóricas no que se refere à noção de texto na teoria enunciativa de Authier-Revuz e na Linguística Textual.

### 2.2 Sujeito e Alteridade

Fundamentando-se nas proposições do dialogismo do círculo de Bakhtin e nas discussões da psicanálise freudo-lacaniana sobre o sujeito e sua relação com a linguagem, Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020) estrutura uma teoria da enunciação que identifica, classifica e analisa as marcas cotextuais que revelam a presença de vozes "exteriores" atravessando certos textos orais e escritos. É nessa articulação entre dois exteriores que, a priori, nada têm a ver com a enunciação, que Authier-Revuz fundamenta e

desenvolve a Teoria das Heterogeneidades Enunciativas. Assim, a autora organiza um campo para a análise da *metaenunciação*, pois seu interesse é descrever marcas da alteridade nos modos de enunciar dos sujeitos.

Authier-Revuz recorre a essas duas abordagens não linguísticas assumindo que ambas destituem o sujeito do domínio do seu dizer, pois enquanto o dialogismo situa o sujeito em uma relação fronteira com o exterior, dispondo-o sempre em uma relação constitutiva com o outro, a psicanálise assume a descentração do sujeito e sua clivagem ao inconsciente, colocando-o como efeito de linguagem.

O pressuposto bakhtiniano assumido na proposta de Authier-Revuz recupera a tese de que a linguagem é o campo do múltiplo, da alteridade, do heterogêneo. Logo, sendo o ambiente no qual diferentes vozes circulam, cruzam e se entrecruzam, consonantes ou dissonantes, a língua exige do sujeito certas escolhas que definirão ou são definidas por questões como *o que* dizer, *como* dizer, *onde* dizer, *quando* dizer, *para quem* dizer e *para quê*. Essas escolhas, conscientes ou inconscientes, vão revelando ou ocultando, simultaneamente, um tipo de sujeito-locutor e os sentidos que o seu dizer veicula.

Sobre as vozes do outro que, inevitavelmente, habitam os discursos, Authier-Revuz (1990) recorre ao pensamento de Bakhtin ao assumir que apenas Adão, personagem do texto bíblico cristão, seria capaz de ser ele mesmo fonte unívoca de suas palavras, pois não haveria “já dito” sobre o qual o seu discurso pudesse ter origem. Portanto, a homogeneidade discursiva, isto é, a suposta univocidade da língua é mitológica, no sentido de que é pressuposta no Gênesis cristão. O que existe, de fato, é a heterogeneidade do discurso, pois as palavras são e serão sempre carregadas pela sua história na língua e atravessadas por outros discursos. Assim, nosso processo investigativo das marcas de heterogeneidade encontradas nos textos selecionados inicia-se pelo questionamento acerca do “exterior” que é convocado em cada um desses textos para, só então, relacionando esse “exterior” convocado ao contexto de produção e circulação, propor uma análise textual e argumentativa dessas marcas.

Assim, um texto apresenta, no dizer só aparentemente *uno* do locutor, heterogeneidades que articulam o dizer do outro interlocutor e do outro do já-dito. De acordo com Authier-Revuz, a consideração de um sujeito estruturalmente dividido implica nas tentativas que ele faz para ultrapassar esse estado de urgência de si e do outro pela restauração da univocidade de seu dizer. Ocorre que essa tentativa, balizada pelo uso de certos recursos linguísticos que manobram a presença das Heterogeneidades Enunciativas, é uma ilusão instaurada no imaginário do falante como parte integrante da atividade enunciativa.

Em outras palavras, a univocidade dos textos é apenas uma ilusão sustentada pelo sujeito através de certas estratégias às quais ele recorre para tentar restaurar o aparente controle sobre seu dizer. São essas formas que Authier-Revuz (2004) descreve, caracteriza e sistematiza. Para a autora, elas apresentam um modo complexo de enunciar orientado por uma configuração enunciativa que ela convencionou chamar de “Modalização Autônica”, mecanismo este que será explicado a seguir.

### **2.3 Heterogeneidade Constitutiva e Heterogeneidade Mostrada**

Para Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade de vozes, que é condição *sine qua non* da linguagem, pode ser compreendida, primeiramente, como uma condição constitutiva, o que ela chama de Heterogeneidade Constitutiva, que remete ao caráter já-dito de todo ato do dizer e que, portanto, não pode ser tomada sistematicamente para fins de análise, pois abstrata; segundo, essa mesma condição pode ser entendida como presença cotextualmente revelada, a Heterogeneidade Mostrada, que é a materialização (ou realização textual) desse princípio abstrato em um dizer concreto sobre o qual incidem outros dizeres.

Primeiramente, deve-se alertar para uma eventual confusão que essa diferenciação possa causar no leitor. Esses dois tipos de heterogeneidade não são opostos, isto é, não são como duas amostras de um mesmo fenômeno. Nem são, na verdade, tipos de heterogeneidade. Trata-se, na verdade, de um princípio e um parâmetro, respectivamente. Tem-se, de um lado, a natureza, e do outro, as formas; o princípio de um lado, e do outro, a realização dele. Entendemos que, se Authier-Revuz (1998) defendeu uma separação entre o caráter constitutivamente heterogêneo da linguagem e as formas de instanciação desse princípio na língua em uso, foi, sobretudo, para resolver um problema epistemológico e metodológico. O primeiro deriva do caráter não linguístico do princípio constitutivo das Heterogeneidades Enunciativas. Nesse caso, a demarcação de um plano cotextual para análise do fenômeno é necessária a uma abordagem efetivamente linguística dele. Em termos metodológicos, como seria possível analisar cientificamente um princípio constitutivo que atravessa todo e qualquer dizer? Como identificar e avaliar a alteridade se ela está em toda e qualquer parte, constituindo a linguagem? Por isso a demarcação e diferenciação entre o que é da natureza da linguagem e o que é linguagem em uso. Nesta pesquisa, estamos propondo que as marcas desse princípio constitutivo do heterogêneo não se limitem a formas da língua, mas que se entendam a aspectos languageiros em geral, sobretudo em se tratando de gêneros digitais nativos (PAVEAU, 2021).

Para responder a essa problemática da marcação, Authier-Revuz adverte que compete ao linguista descrever as heterogeneidades que se mostram, daí propõe traçar a distinção entre “heterogeneidade mostrada marcada” e “heterogeneidade mostrada não marcada”. O que Authier-Revuz considera como “marca” é a sinalização tipográfica e, por vezes, léxico-gramatical realizada pelo locutor ao perceber a presença da alteridade em seus usos discursivos. Assim, são tomadas como formas de marcação, por exemplo, as aspas, o negrito, o itálico e os comentários metaenunciativos (ou glosas), enquanto casos como o lapso de linguagem são considerados como ocorrências da heterogeneidade mostrada não marcada.

Como veremos no capítulo *A Teoria das Heterogeneidades Enunciativas nos Estudos em Linguística Textual*, essa diferenciação entre heterogeneidade mostrada marcada e heterogeneidade mostrada não marcada é problemática, sobretudo do ponto de vista dos estudos em Referenciação. Conforme explica Brito (2010), que coloca essa dualidade em xeque, tanto do ponto de vista psicanalítico quanto do ponto de vista da referenciação, só seria possível existirem formas marcadas de heterogeneidade, visto que até as marcas mais discretas, sejam elas alusões ou mesmo um lapso de linguagem que passe despercebido pelo locutor, são marcas.

Authier (1990) explica que a heterogeneidade mostrada revela uma espécie de distanciamento entre o locutor e aquilo que ele diz, como se ele interrompesse o seu modo enunciativo para refletir sobre o dizer, distanciando-se, assim, do dito. Simultaneamente ao desvelamento do outro por uma forma de representação da heterogeneidade na linearidade discursiva, acontece o que Authier-Revuz chama de uma “especificação da identidade”, confirmando o “eu” do discurso através da representação do “outro”.

Ao nível da cadeia do discurso, localizar um ponto de heterogeneidade é circunscrever este ponto, ou seja, opô-lo por diferença do resto da cadeia, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido etc.; corpo estranho delimitado, o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de correção, reserva, hesitação... um caráter de particularidade acidental, de defeito local. Ao mesmo tempo, remete a um alhures, a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar, determina automaticamente pela diferença um interior, aquele do discurso; ou seja, a designação de um exterior específico é, através de cada marca de distância, uma operação de constituição de identidade para o discurso. Também a zona de “contato” entre exterior(es) e interior que mostra as marcas de distância num discurso é profundamente reveladora deste discurso, de um lado pelos pontos escolhidos para colocar explicitamente fronteiras, limites, demarcações - quer dizer, de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer

para se constituir [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31).

Uma forma possível de identificar uma marca de heterogeneidade enunciativa em um texto é verificar o momento no qual as palavras parecem pedras no meio do caminho enunciativo, obrigando o locutor a refletir sobre elas, seja especificando-as, negando-as, traduzindo-as etc. É essa parada sobre as palavras o que Authier-Revuz chama de Modalização Autônômica. Quaisquer que sejam as suas formas de manifestação no texto, a Modalização Autônômica, configuração enunciativa pertencente ao campo da reflexividade linguageira, é sempre uma suspensão da evidência da naturalidade de um dizer.

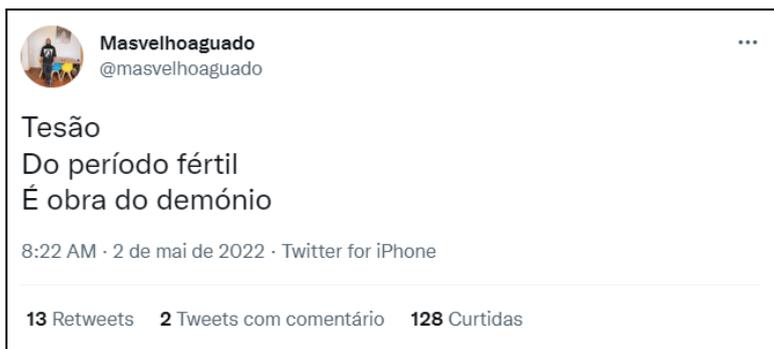
Derivada da noção semiótica de “conotação autônômica” proposta por Rey-Debove (1978), a Modalização Autônômica representa um modo de dizer complexo em que um elemento qualquer do texto é duplicado por sua própria representação de modo reflexivo e opacificante, isto é, as palavras, ao invés de simplesmente aparecerem no texto, perdem a sua transparência natural e são opacificadas pelo locutor que, simultaneamente, as usa e menciona, como se elas não fossem palavras quaisquer, mas palavras-objeto, cuja simples enunciação evoca, necessariamente, uma reflexão do locutor sobre o seu estatuto no texto.

São duas as condições suficientes e necessárias para que certas estratégias linguísticas possam ser identificadas como marcas de Modalização Autônômica no texto: o acúmulo de reflexividade e a opacificação de uma parte do texto, como em *Faltou caridade, eu disse intencionalmente caridade, nessa questão*<sup>1</sup>. Nesse exemplo, a palavra “caridade” é apresentada e, em seguida, o locutor realiza um comentário metaenunciativo no qual reflete sobre o uso dessa palavra específica no seu dizer. Portanto, acumulam-se reflexividade e opacificação do termo, pois, depois que tem seu estatuto revelado pelo locutor, a palavra “caridade” perde sua transparência natural e ganha o *status* de palavra-objeto dentro do texto. É como se o locutor orientasse o interlocutor a prestar mais atenção na palavra que foi utilizada. Tomemos o texto abaixo para que a análise desse mecanismo fique ainda mais clara:

(1)

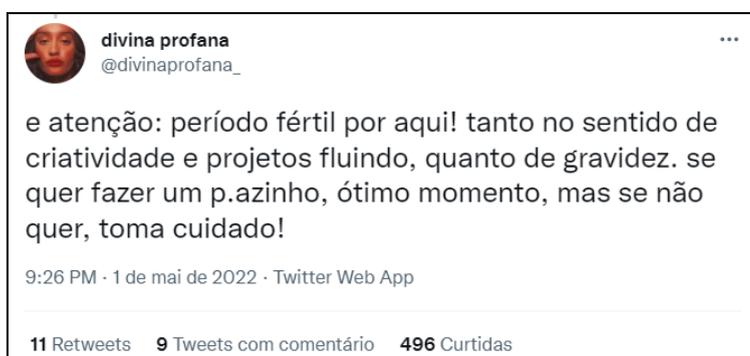
---

<sup>1</sup> Os exemplos dessa seção da dissertação que não são tuítes foram retirados de Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020). Decidimos manter as referências citadas em cada exemplo conforme os textos originais da autora para facilitar a eventual busca pelas referências pelo leitor. Os exemplos que não apresentarem referência justificam-se pela ausência desta nos textos de Authier-Revuz.



Fonte: <https://twitter.com/masvelhoaguado/status/1521087713579048960>

(2)



Fonte: [https://twitter.com/divinaprofana\\_/status/1520922523445207040](https://twitter.com/divinaprofana_/status/1520922523445207040)

Consideremos nessa análise o uso da expressão “período fértil” nos dois casos apresentados. No exemplo (1), a locutora utiliza a expressão “período fértil” em seu sentido usual, transparente. No exemplo (2), entretanto, ocorre um acúmulo de uso e menção, de reflexividade e opacificação, que caracterizam o fenômeno da Modalização Autônômica. No texto, a locutora especifica os sentidos da expressão “período fértil” dentro do seu enunciado, realizando, assim, um movimento de laçada reflexiva que aponta para a expressão de forma a mostrar ao interlocutor que seu uso não é (ou não é apenas) o uso corriqueiro com o qual ele possa estar habituado, isto é, aquele relacionado às questões biológicas envolvidas na produção hormonal de indivíduos com o sistema reprodutor feminino e que torna propícia a possibilidade da fecundação do óvulo por um espermatozóide e, conseqüentemente, a gestação de um embrião. Trata-se, portanto, de “período fértil” em mais de um sentido.

São essas, portanto, as duas condições da Modalização Autônômica: reflexividade e opacificação. Desse modo, não pertencem a esse campo as seguintes ocorrências:

- formas que não refletem, nem opacificam uma parte do texto, como em: *Eu disse que ele não era caridoso*, como nos casos de transparência completa;

- formas que refletem, mas não opacificam uma parte do texto, como em *Ele está doente, se você quer saber de tudo*, como nos casos de glosa sem nenhum termo laçado;
- ou formas que opacificam uma parte do texto, mas não refletem sobre ela, como *A palavra "caridade" vem do latim*, como nos empregos metalinguísticos propriamente ditos.

Explicado o funcionamento enunciativo do mecanismo de Modalização Autonímica, cabe-nos questionar como identificar e descrever uma marca de Heterogeneidade Enunciativa. Que fatores devem ser levados em conta nessa descrição? Chegamos à conclusão de que, segundo os pressupostos da autora, a classificação de uma marca de Heterogeneidade Enunciativa deve seguir três parâmetros: (1) seu grau de explicitação no texto, como Modo Marcado, Modo Interpretativo e Modo Grau Zero; (2) a relação do enunciado com o "exterior" convocado, como Modalização de Empréstimo por Substituição, Modalização de Empréstimo por Acoplagem Centrípeta, Modalização de Empréstimo por Acoplagem Centrífuga e Modalização de Empréstimo Associada; e (3) o modo de negociação do locutor com o "exterior" convocado, como as Não Coincidências do Dizer, as Figuras do Bem Dizer e as Modalidades Irrealizantes do Dizer. Veremos cada um desses parâmetros nas seções a seguir.

### 2.3.1. Parâmetro 1: o grau de explicitação

Se a exterioridade das Heterogeneidades Enunciativas pode ser cotextualmente manifestada nos textos, isso ocorre de diferentes modos, indo das formas mais explícitas às mais implícitas de manifestação linguística. Decerto, o que caracteriza o percurso entre os dois pontos desse *continuum* constitutivo da alteridade é a tentativa do sujeito de controlar o seu dizer apesar das interferências do dialogismo e do inconsciente. Conforme Authier-Revuz (1999), em vez de fronteiras, o que existe é uma gradação, que vai de marcas mais ostentatórias às formas mais discretas e incertas da presença do outro. Essa discretização foi necessária para a análise realizada neste estudo, visto que, através dela, compreendemos como a Heterogeneidade Enunciativa ocorre nos textos do exemplário e em que medida essa explicitação ou implicação poderia funcionar como (ou impulsionar) uma estratégia argumentativa. Assim, são três os modos de explicitação da "exterioridade" nos textos: Modo Marcado, Modo Interpretativo e Modo Grau Zero.

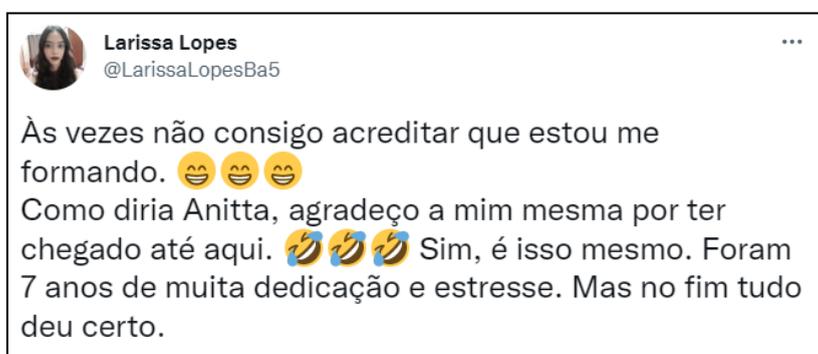
No Modo Marcado, o dizer "exterior" ao que está se fazendo aparece de duas formas:

- verbalizado nas formas de cópia ou imitação, integrando-se ao um do enunciado como se a

ele sempre pertencesse, ao mesmo tempo em que demarca sua origem no "exterior"; - ou não verbalizado, tomando o lugar das palavras do interior, justapondo-se a elas. Estão nesse grupo as não coincidências do discurso consigo mesmo e as formas de discurso reportado (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre).

Tem-se um exemplo desse tipo de heterogeneidade no texto abaixo, no qual a locutora utiliza uma fala da cantora Anitta no meio do seu enunciado como se este servisse exatamente aos seus propósitos comunicativos. A marcação do evento de Heterogeneidade Enunciativa ocorre, neste caso, em “Como diria Anitta, agradeço a mim mesma por ter chegado até aqui”.

(3)

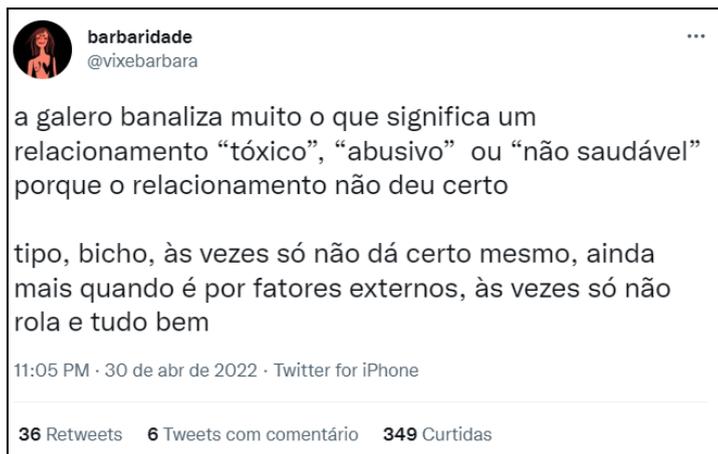


Fonte: <https://twitter.com/LarissaLopesBa5/status/1520478700747300868>

Queremos assinalar que o Modo de Marcação envolve, nos termos da LT, fenômenos intertextuais de copresença, como citação e paráfrase. Afinal, uma marcação "por cópia" corresponde a trechos literais de um outro texto, como no exemplo anterior. Uma marcação "por imitação" deve ser equivalente a uma paráfrase, em que um trecho de um outro texto é repetido sob uma forma semelhante.

No Modo Interpretativo, por sua vez, a recuperação da "exterioridade" só pode ser feita pelo interlocutor a partir de certas pistas textuais que são discretamente sugeridas pelo locutor, como o uso de aspas, itálico, negrito ou outro recurso tipográfico que possa opacificar a nomeação de um item da cadeia. Veja-se o texto abaixo:

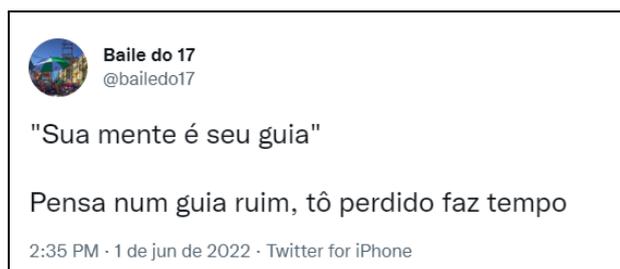
(4)



Fonte: <https://twitter.com/vixebarbara/status/1520585048315019264>

No caso acima, não há outra pista que indique que as palavras aspeadas estão opacificadas a não ser as próprias aspas. Não há nenhum comentário reflexivo sobre o uso dessas palavras, mas isso não significa que o leitor não compreenda que o que o locutor está querendo problematizar é o uso indiscriminado das palavras aspeadas por determinadas pessoas. Nesse texto, as marcas de Heterogeneidade Enunciativa são reveladas pelas pistas deixadas pelo locutor e aferidas pelo interlocutor na leitura do texto. São, portanto, interpretativas. O Modo Interpretativo parece ocupar-se, assim, com a conotação que é dada aos termos opacificados. Considere-se o outro exemplo abaixo:

(5)



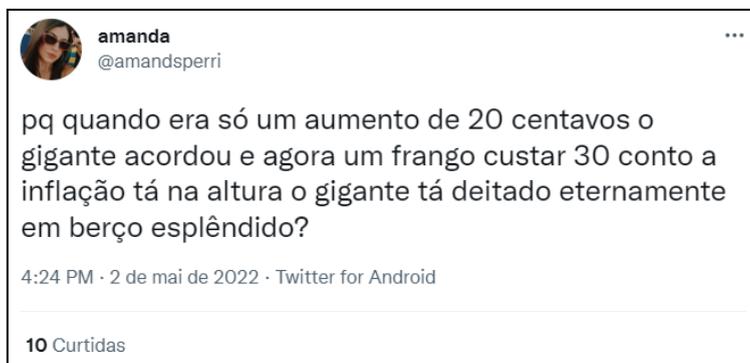
Fonte: <https://twitter.com/bailedo17/status/1532053130300510209>

É possível aferir que a expressão aspeada remete a um discurso "exterior". Pelo parâmetro de marcação, diríamos, em LT, que se trata de uma citação. Mas, pelo parâmetro Modo de Interpretação, importa notar que esse dizer outro, ou essa "fala reportada", é recontextualizada para ser interpretada de outro modo. O que não é possível especificar é a origem desse dizer. Quem é que disse “Sua mente é seu guia”? Um livro de autoajuda? Uma

música? Um versículo bíblico? Um monge budista inspirado? Um bêbado? Um amigo do locutor? O próprio locutor em um momento de reflexão existencial? Não se sabe. O que sabemos, por via interpretativa, é que o dizer aspeado é um já-dito. A função desses trechos citados e identificados com marcas tipográficas parece ser, em termos argumentativos, a de contraditar um dizer, para questionar o já-dito.

Por último, constituem formas de Modo Grau Zero aquelas que não podem ser inventariáveis de maneira sistemática, como as alusões e os lapsos. No exemplo (6) abaixo, existe a presença de uma marca de Heterogeneidade Enunciativa, embora não apareça explicitamente, no sentido de que não há nenhum comentário metaenunciativo ou marcas tipográficas como aspas ou negrito. Trata-se de uma alusão ao hino brasileiro pelo uso de um de seus trechos como parte integrante do enunciado. Nesse caso, o "exterior" está tão integrado ao enunciado, como se dele fizesse parte e não fosse em si palavras "exteriores", que um leitor que desconhece o hino nacional brasileiro poderia não percebê-lo. É a formas desse tipo que podemos considerar como Modo Grau Zero de Modalização Autonímica. Nos estudos linguístico-textuais, essa relação de copresença de um texto em outro sem marcação tipográfica, nem sintática, é chamada de alusão. Constitui a forma mais implícita de intertextualidade por copresença.

(6)



Fonte: <https://twitter.com/amandsperri/status/1521209149736030219>

Temos, então, o primeiro parâmetro para a caracterização de uma marca de heterogeneidade. O grau de explicitude. Passemos, agora, para o segundo parâmetro, a saber, a relação do enunciado com o "exterior" convocado.

### 2.3.2 Parâmetro 2: A relação do enunciado com o "exterior" convocado

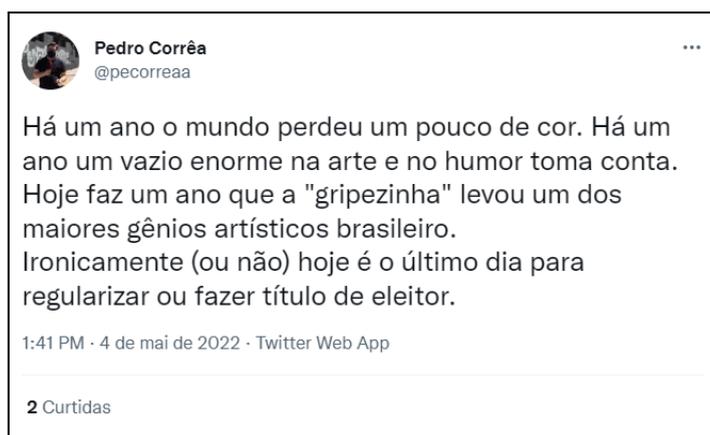
Authier-Revuz (1999) apresenta diferentes tipos de Modalização Autônômica a depender da relação que o enunciado estabelece com o empréstimo realizado, isto é, com as palavras que são convocadas do "exterior". Descreveremos cada um desses tipos, retomando um exemplo utilizado pela própria pesquisadora e, quando possível, um exemplo retirado do Twitter.

O primeiro tipo, considerando a relação do enunciado com o "exterior" convocado, é a Modalização de Empréstimo por Substituição. São exemplos desse uso os casos em que o locutor substitui um elemento interior pelo discurso (para nós, *texto*) de outro. Trata-se de marcações que revelam a inclusão da alteridade como fazendo parte do projeto do dizer do locutor, que não é capaz de nomear o item opacificado de outra forma senão daquela mesma utilizada pelo exterior. A relação é, assim, de continuidade, como se o "exterior" fizesse parte do interior do enunciado. Authier-Revuz (1999) exemplifica esse tipo em:

(7) O frango de galinheiro [...] reencontrará o sabor de seus ancestrais, que o “progresso” de nossas pesquisas agroalimentares tinha impregnado com um gosto de peixe [Le Monde, Cartas dos leitores, 15.4.1986, p. 2]

Assim como no exemplo da autora, no exemplo abaixo, o locutor utiliza a expressão “gripezinha” no fio do seu enunciado como se essa fosse a única expressão referencial possível para verbalizar o seu descontentamento com o fato mencionado (a morte de quem ele chama de “um dos maiores gênios artísticos brasileiros”). Uma análise contextual permite reconhecer que essa mesma expressão ganhou espaço no debate público após ser utilizada pelo então presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro para referir-se à pandemia de Covid 19, que assolava o mundo naquele momento. O dizer "exterior" faz parte, portanto, do projeto de dizer do locutor. Essa Modalização de Empréstimo por Substituição pode corresponder, em LT, ao que chamamos de intertextualidade por referência, quando se faz menção a algo de outro texto para se aludir ao texto como um todo, incluindo o contexto de que ele foi retirado.

(8)



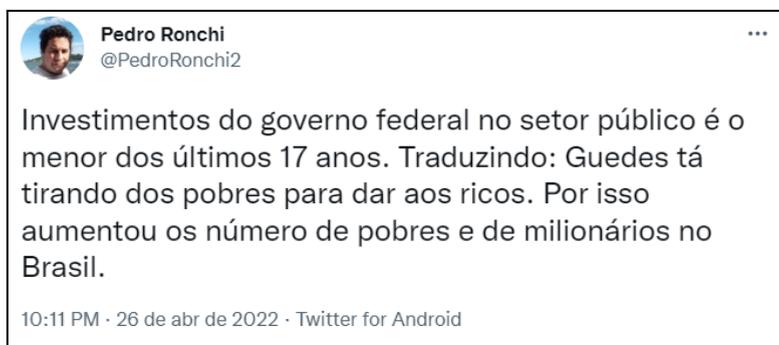
Fonte: <https://twitter.com/pecorreaa/status/1521892825360703488>

Um segundo tipo é a Modalização de Empréstimo por Acoplamento Centrípeto (do "exterior" para o interior). Nesse caso, o locutor coloca os dois discursos (o "seu" e o "exterior") na mesma enunciação, ambos convocados para a nomeação de um mesmo item da cadeia. Nesse caso, o locutor retoma primeiro o dizer "exterior", que, depois, é traduzido por palavras do interior. Exemplifica-se esse caso em:

(9) Haverá um vínculo fixo, traduzam por um túnel, entre a França e a Inglaterra. [A2, Informations, 20.1.1986]

No exemplo abaixo, a acoplamento centrípeta ocorre quando o locutor insere o dizer "exterior" no seu enunciado e, então, o parafraseia com suas próprias palavras. Note-se, então, que o correspondente linguístico-textual desse fenômeno seria intertextualidade por paráfrase, mas sempre acompanhado de uma glosa explicativa.

(10)



Fonte: <https://twitter.com/PedroRonchi2/status/1519121945278697473>

Um terceiro tipo é a Modalização por Acoplagem Centrífuga (do interior para o "exterior"). Nesse caso, ocorre o contrário da Acoplagem Centrípeta, pois os dois dizeres colocados na enunciação articulam-se de modo que o locutor primeiro nomeia um item da cadeia com as palavras do interior e, em seguida, essas mesmas palavras são traduzidas pelas palavras do "exterior". Como só muda a direção do movimento, pensamos que este caso não deixa de corresponder, intertextualmente, a uma paráfrase. Vê-se essa ocorrência nos textos abaixo:

(11) Em menos de quinze dias, é o segundo movimento de resistência passiva, um *stay away*, como se chama, que é observado pela maioria dos dois milhões de habitantes desse gueto gigantesco. [La protestation noire en Afrique du Sud, *Le Monde*, 7.5.1987, p. 5]

(12)



Fonte: <https://twitter.com/adisoncferreira/status/1225047494180163584>

Um quarto tipo é a Modalização de Empréstimo Apropriada, na qual se situam as marcações que mostram a apropriação do discurso "exterior" pelo locutor. Chamamos a atenção para o designativo "apropriada". Isso significa dizer que as palavras retomadas são exatamente as palavras do outro e não um parafraseamento. Se o trecho retomado de um outro texto é mencionado literalmente, então podemos afirmar que se trata de um fenômeno intertextual de citação, com a peculiaridade de não vir assinalada por marcas tipográficas, como aspas, por exemplo. Para Authier-Revuz, nesses casos, o locutor assume o dizer "exterior" na cadeia de sua fala, conforme ocorre no exemplo abaixo:

(13) Jean está evidentemente paquerando ela, para falar como ele.

(14)

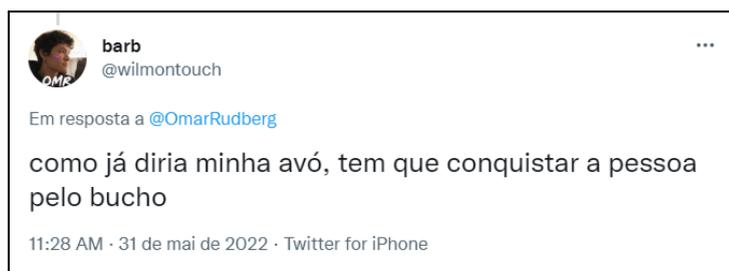


Fonte: <https://twitter.com/ArklayLibrary/status/1427628629450792975>

O quinto tipo é a Modalização de Empréstimo Associada, no qual estão reunidas as modalizações que associam um determinado dizer a um "exterior", seja este o próprio interlocutor, outro sujeito, outro texto ou outro discurso. Chamamos a atenção agora para o uso do designativo "associada". As palavras retomadas, nesse caso, não são exatamente as do outro, mas são possibilidades, isto é, são coisas que o outro poderia dizer. Aproximamos esse tipo de modalização das intertextualidades por alusão a marcas do estilo de um "autor".

(15) Jean está evidentemente galanteando-a, como teria dito minha avó.

(16)



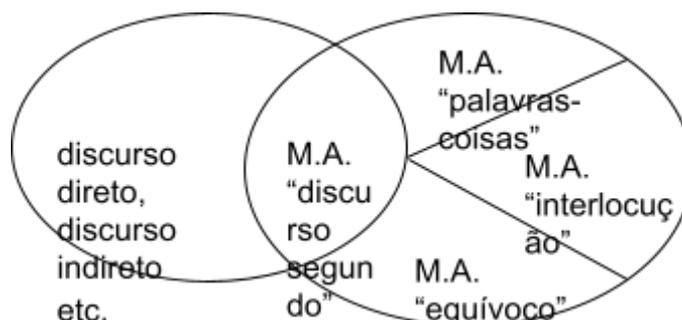
Fonte: <https://twitter.com/wilmontouch/status/1531643822723289089>

As diferentes formas de representar a "exterioridade" discursiva no fio do dizer através da configuração enunciativa de Modalização Autônômica descritas até aqui manifestam o pressuposto de que nossas palavras são sempre carregadas por uma alteridade pelo que vem do "exterior" discursivo e que pode se revelar linguisticamente através de estratégias mais ou menos explícitas. Passaremos, agora, para o último dos três parâmetros para a caracterização de uma marca de heterogeneidade, qual seja, o modo de negociação do locutor com a "exterioridade" convocada.

### 2.3.3 Parâmetro 3: o modo de negociação do locutor com a "exterioridade" convocada

De acordo com Authier-Revuz (1999), a possibilidade de representar outros discursos (no sentido do dialogismo bakhtiniano) dentro de um mesmo texto permitida pela Modalização Autônômica é apenas uma (e não a única) função dessa configuração enunciativa. Outras são as possibilidades de encontro na linearidade discursiva da presença "exterior", sobretudo se considerarmos a alteridade no sentido amplo que a teoria revuziana tem defendido. Assim é que, a título de demonstração didática dos campos de alteridade que concerne à modalização do dizer, Authier-Revuz (1999) propõe a figura:

Figura 1 - Esquema da intersecção das formas de Modalização Autônômica (MA) com o campo da Representação do Discurso Outro (RDO)



Fonte: Authier-Revuz (1999, p. 12)

Ousamos afirmar que essa esquematização é uma das primeiras tentativas da autora de colocar em discussão o campo que ela atualmente tem chamado de Representação do Discurso Outro (AUTHIER-REVUZ, 2020). Na figura, Authier-Revuz contrapõe dois campos distintos que circunscrevem diferentes modos de negociar enunciativamente com as heterogeneidades que atravessam o dizer dos locutores. No círculo da esquerda, estão formas de negociação com a palavra do outro discurso, que é o objeto de investigação da Representação do Discurso Outro, enquanto no círculo da direita estão aqueles relacionados ao que Authier-Revuz chamou de Autorrepresentação do Dizer.

Assim, para além das formas de Representação do Discurso Outro, existem outras formas de Modalização Autônômica, quais sejam, aquelas relacionadas a autorrepresentação do dizer em circunstâncias enunciativas nas quais a incompletude do enunciado revela, entre outras possibilidades, tentativas do sujeito em estabelecer um acordo com o interlocutor em relação ao seu dizer, dificuldades em encontrar a palavra adequada para uma nomeação e a especificação de um sentido específico para um item da cadeia enunciativa em meio à heterogeneidade que constitui a linguagem.

É esta variedade das formas de Modalização Autônômica que Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020) se propõe a descrever e classificar em sua teoria enunciativa do sentido. Para tanto, divide as suas formas de representação em dois grupos: o das formas segmentais e o das formas suprasegmentais (AUTHIER-REVUZ, 1998). No primeiro desses dois grupos, estão as marcas manifestadas na forma de glosas e comentários que refletem sobre o estatuto de um segmento do texto, por isso segmentais, pois estão no nível da linearidade, no plano cotextual.

As estruturas suprasegmentais, por sua vez, também suspendem a aparente evidência do dizer pelo apontamento da presença de uma voz "exterior". Todavia, sua manifestação dá-se de modo suspenso no texto, por isso suprasegmental, pois a identificação do "exterior" discursivo ocorre de modo interpretativo pelo interlocutor ao se deparar com certas pistas textuais que assinalam algum modo de expressão a ser realçado, como aspas, itálico e negrito, e não através de um comentário no fio do texto.

Para melhor compreender o terceiro parâmetro para identificação e categorização de uma marca de Heterogeneidade Enunciativa, passaremos à descrição de como cada uma das formas encapsuladas nesses dois grupos pode representar fatos de heterogeneidade. Essa etapa descritiva da pesquisa foi responsável pela visualização de certos padrões específicos

para cada tipo de manifestação do dizer outro e que foram fundamentais para o desenvolvimento de um quadro resumitivo de suas formas de manifestação no texto, que serviu de procedimento metodológico nas análises que realizamos das estratégias argumentativas das marcas de Heterogeneidade Enunciativa.

Os modos de negociação do locutor com a "exterioridade" convocada apresentados adiante também foram utilizados como aparato para o reconhecimento das marcas de Heterogeneidade Enunciativa nos textos do exemplário e auxiliaram na análise de como essas marcas podem manifestar-se de modo hipermercado, quando há a presença de aspas, por exemplo, ou de modo mais discreto e não marcado (a não ser pelo uso das expressões referenciais), como nas alusões.

### 2.3.3.1 As formas segmentais

Nesse grupo de formas de Modalização Autônômica, estão os comentários e glosas metaenunciativas utilizadas pelo locutor com o objetivo de refletir acerca do uso de determinado trecho do seu texto. Esses comentários e glosas apresentam formas variadas e podem, entre outras funções, demarcar o lugar de origem no exterior de um trecho de um texto, determinar um ou mais sentidos específicos para um trecho em dada situação de interação, afirmar ou negar a pertinência de um trecho no projeto de dizer do locutor, revelar o desejo do locutor de não enunciar dado trecho etc.

São três os tipos de formas segmentais da Modalização Autônômica descritos por Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020): as Não Coincidências do Dizer, as Figuras do Bem Dizer e as Modalidades Irrealizantes do Dizer. Essas classificações foram úteis ao processo de análise dos textos que compõem nosso corpus no sentido de que facilitaram o reconhecimento das marcas de Heterogeneidade Enunciativa, bem como constituíram aparato para deduções acerca das estratégias argumentativas que poderiam ser desempenhadas por um dado tipo de Modalização Autônômica. Também as formas de Modalização Autônômica suprasegmental serão necessárias à análise nesse sentido.

#### 2.3.1.2.1 As Não coincidências do Dizer

Authier-Revuz (1999) chama de Não Coincidências do Dizer às formas segmentais de Modalização Autônômica que instauram nos textos um afastamento do locutor em relação ao seu dizer. Para melhor explicar ao leitor que inicia nos estudos da teoria de Authier-Revuz, uma não coincidência é o contrário de uma coincidência. Quando o dizer coincide consigo mesmo, isso significa que entre as palavras dele existe uma identidade mais ou menos

estabilizada. Todavia, quando o dizer não coincide consigo mesmo, isso significa que as palavras dele possuem entre si uma relação fronteira na qual se justapõem duas ou mais identidades diferentes.

Há, todavia, uma questão que precisa ser resolvida para continuarmos nossa reflexão. É comum que Authier-Revuz utilize a expressão “não coincidência do dizer” em dois sentidos: o primeiro confunde-se com a própria noção de Heterogeneidade Enunciativa, pois a não coincidência é tomada como princípio linguístico e não como evento, isto é, como acontecimento nos textos. Nesse caso, não coincidência do dizer e Heterogeneidade Enunciativa são sinônimos. O segundo sentido é o uso da expressão para tratar de um tipo específico de heterogeneidade mostrada marcada, ou seja, não se fala mais de não coincidência como princípio, mas como evento. Pensamos ser esse segundo uso o mais pertinente para diferenciar as não coincidências do dizer das outras formas de explicitação das heterogeneidades. Vemos as não coincidências do dizer como um tipo específico de heterogeneidade, ou melhor, como uma forma com características bem definidas de manifestação do princípio de heterogeneidade, e não como o princípio constitutivo em si.

Para a autora, as marcas desse tipo de heterogeneidade podem ser reunidas em quatro conjuntos, conforme a relação que o locutor estabelece no texto com a alteridade que o atravessa. Nos exemplos que utilizamos, retirados de Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020), as palavras sublinhadas são os objetos do comentário do locutor, enquanto os trechos em negrito são as não coincidências. Consideramos para cada tipo pelo menos um exemplo retirado do Twitter. São tipos de não coincidência:

**a) Não coincidência do discurso consigo mesmo:** nesse grupo de formas, situam-se as figuras de empréstimo que manifestam uma fronteira interior/exterior. Tem-se, nesse caso, formas que instanciam a presença de palavras de dizeres exteriores, seja de um "exterior" originário de um outro um texto, de uma formação discursiva, de uma outra língua, de uma outra pessoa etc. (ex.: X, tomo esse termo emprestado de Ext; X, para retomar a palavra de Ext; X, como diz Ext; o que Ext chama, batiza de X; X, para falar de maneira vulgar, pedante...; X, no sentido que lhe atribui Ext). Note-se, pois, que esse tipo de não coincidência pode facilmente se somar às modalizações de empréstimo (ME).

(17) Feijões verdes, *al dente*, **como dizem os italianos.**

(18) É verdade que, atualmente, **para usar uma expressão da jovem geração**, alguns padrões “se arreentam” fazendo política, mas... (J. Delors, Ministro da Economia, R.T.L, publicado em *Le Monde*, 1-12-1981, p. 39).

(19)



Fonte: <https://twitter.com/marcelaslobo/status/1509309979471269890>

**b) Não coincidência interlocutiva:** nesse segundo grupo, joga-se com a não identidade entre os participantes da enunciação. Assim, o locutor, buscando a concordância daquele para o qual enuncia, utiliza expressões de ajustes que constataam um desvio instaurado na relação entre os sujeitos, entre o eu e o tu (ex.: digamos X ; X, me dê a expressão...; X, como queira; X, se percebe o que quero dizer; o que você chama de X ; X, para retomar a sua terminologia; X, como você acaba de dizer; X, sei que você não gosta dessa palavra).

(20) Salientamos esta noite um acontecimento, um feliz acontecimento, **se você me permite esta fórmula:** a publicação neste ano de um conjunto de trabalhos [...] (F. Lazard, alocação publicada em *Humanité*, 22-2-1980).

(21)



Fonte: <https://twitter.com/albuquerque/status/1357182706422075396>

c) **Não coincidência entre as palavras e as coisas:** essas marcas evidenciam uma avaliação do locutor acerca da adequação de uma palavra/expressão utilizada por ele para nomear um item de seu enunciado. São, portanto, estruturas que, refletindo sobre a palavra, as questionam, confirmam, rejeitam etc. (ex.: o que podemos, o que é preciso chamar X; X, é a palavra; X, é a palavra exata, justa, que convém; X no sentido stricto; X propriamente dito; o que eu chamaria de modo impreciso X; o que poderíamos talvez chamar X; um pode-se dizer X; X, eu uso X na falta de coisa melhor, por comodidade; X, por assim dizer; X, entre aspas; X, embora a palavra não convenha).

(22) Quando nossa mesquinha sociedade burguesa, **eu não disse bem**, nosso mundo de pigmeu, tiver sido dissipado [...] (J. Guéhenno, *Aventures de l'esprit*, 115).

(23)



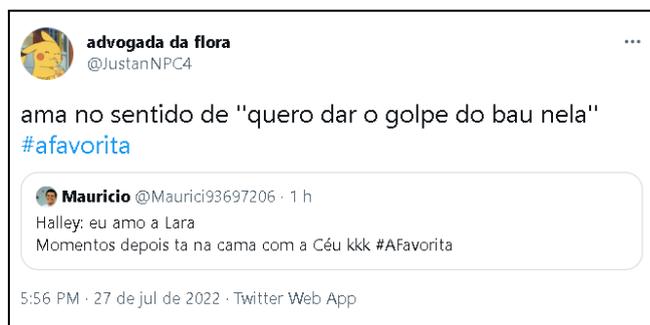
Fonte: <https://twitter.com/GogoHigor/status/1270465944876453890>

d) **Não coincidência das palavras consigo mesmas:** as marcas que manifestam a multiplicidade de sentidos que as palavras podem ter figuram neste grupo. São, assim, expressões que explicitam a polissemia, a homonímia e as aproximações. A marca de não coincidência, nesse caso, rejeita ou acolhe a heterogeneidade que constitui o dizer (ex.: X, no sentido p; X, não no sentido q; X, sem (com) jogo de palavras; X, se ousar dizer assim; eu quase disse X; X, no sentido q também; X, no sentido p e no sentido q; X, em todas as acepções da palavra; X, é o caso de dizer; X, é a palavra).

(24) Mas que trabalho, **no sentido de parto do termo**, que é avançar neste livro!

(Correspondência privada, 20-7-88).

(25)



Fonte: <https://twitter.com/JustanNPC4/status/1552397654977658881>

Se, por uma lado, as marcas de não coincidências revelam um “mal dizer”, isto é, uma resposta do locutor em relação ao seu dizer de um modo que o distancia do dito, Authier-Revuz (1998) afirma que existe um outro grupo de formas de Modalização Autônima que manifestam o “bem dizer”, ou seja, o feliz encontro do locutor com as palavras exatas, perfeitamente adequadas às coisas que deseja enunciar.

#### 2.3.1.2.2 As Figuras do Bem Dizer

As formas de representação da Heterogeneidade Enunciativas que Authier-Revuz (1998) chama de figuras enunciativas do bem dizer são respostas metaenunciativas do locutor a um item da nomeação que se materializa em algum ponto do dizer como um espaço sobre o qual é necessário um comentário avaliativo do locutor, uma sanção portanto, que testemunha o encontro adequado entre o que intenciona enunciar e as palavras que efetuam o seu dito.

Nesse sentido, assim como o “mal dizer”, o bem dizer também pode ser marcado por certas formas linguísticas. Para tratar dessas expressões, Authier-Revuz decide agrupá-las em quatro grupos, formados pela relação entre as palavras opacificadas e os propósitos comunicativos do locutor. São eles:

**a) O dizer de acordo com uma intenção do dizer:** as marcas desse grupo refletem sobre o uso adequado de determinado item pelo locutor, que aponta o estatuto do dizer opacificado enquanto objeto perfeitamente situado dentro da enunciação (ex.: X, sim; X, eu digo X; X, eu digo mesmo X). Nesse caso, as palavras realizam-se intencionalmente, respondendo de modo afirmativo não a uma dúvida real

do destinatário, como se este perguntasse ao locutor “é isso mesmo o que você quer dizer?”, mas a uma dúvida fictícia prevista pelo locutor como uma “simulação retórica” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 56).

(26) A primeira coisa que fazemos se chegamos ao poder: suprimimos, **eu digo isto mesmo**, suprimimos, e aí então, por todos os meios, incluindo o que foi empregado por Greenpeace, suprimimos todos os nichos situados [...] em todas as grandes cidades da França, no interior das quais a soberania francesa não exerce (Declaração do candidato da Frente Nacional, Radio-France Vaucluse, janeiro 86).

(27)



Fonte: <https://twitter.com/SomenteOrestes/status/1368221147741978625>

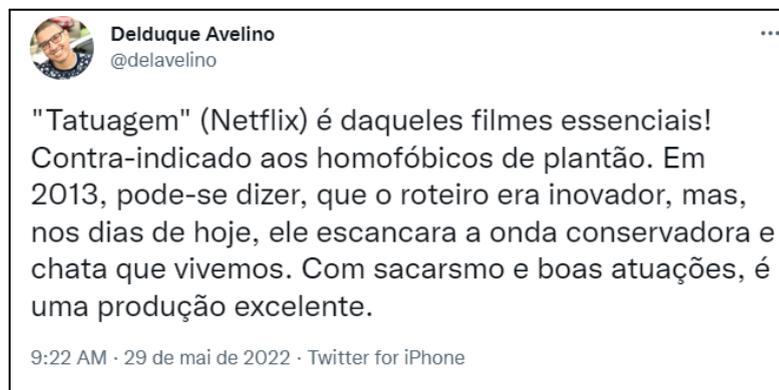
**b) Um dizer de acordo com as leis do dizer:** são representadas neste grupo as formas que revelam que os dizeres pertencem aos paradigmas de possibilidade possíveis no enunciado em que se realiza, isto é, o locutor manifesta, através de um comentário, que determinado elemento da cadeia é admissível, obrigatório, verdadeiro dentro dos limites do seu discurso, que é apenas aparentemente homogêneo (ex.: X, pode-se dizer; X, devemos dizer; é preciso dizer X; não tenho receio de dizer X”).

(28) Fizeram, **creio realmente que é preciso dizer**, progresso, mesmo se os resultados não estão ainda claros, durante este trimestre (Oral, reunião escolar, março 83).

(29) É uma catástrofe, **é preciso chamar as coisas pelo seu nome** (Comentário televisado direto da partida de futebol Turim-Liverpool em Bruxelas [posteriormente

designada por "A tragédia do Heysel"], A2, maio 85).

(30)



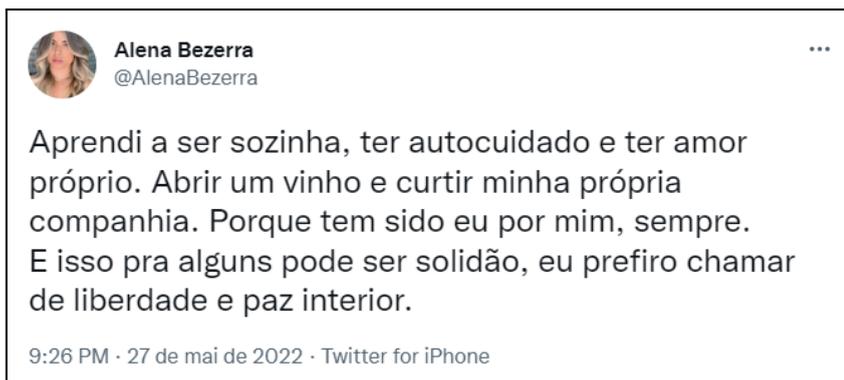
Fonte: <https://twitter.com/delavelino/status/1530887244483002369>

**c) A nomeação assumida como ato pessoal:** joga-se, nesse grupo, com a paridade entre a identidade do locutor e as coisas que ele enuncia. Assumindo o dizer de um item do enunciado como seu, o locutor responsabiliza-se sobre suas próprias palavras, como se realizasse um “batismo”, manifestando uma decisão pessoal sobre os modos de nomear as coisas que enuncia (ex.: Eu chamaria X; X, que se dirá de bom grado, de agora em diante; eu proponho chamar X; eu ousou chamar X).

(31) Na Palestina, vê-se em qual sentido Israel é muito mais intruso do que já foi. Os efeitos do recalçamento fazem dele o intruso absoluto, insuportável. Ele deve então demonstrar, não mais tanta flexibilidade e astúcias táticas, mas **o que eu chamaria de sensibilidade simbólica** (D. Sibony, *Le Monde*, 31-3-88, p. 2).

(32) O que me parece assegurado é que Freud foi tentado por - **eu ousou a palavra - uma semiotização** do inconsciente, uma construção do inconsciente sob o modo do símbolo (M. Arrivé, *Linguistique et Psychanalyse*, p. 65).

(33)



Fonte: <https://twitter.com/AlenaBezerra/status/1530344772266774529>

**d) Um dizer preenchido pelo equívoco:** as marcas abarcadas por esse grupo explicitam o reconhecimento pelo locutor da urgência de um modo de dizer melhor que o que ele poderia sozinho produzir. É nesse jogo de reconhecimento do exterior como oportuno e ideal aos propósitos comunicativos do locutor que aparecem formas como “é o caso de dizer”.

(34) Quero que eles cheguem a ler, eu lhes imponho um volume, **é o caso de dizer**, de leitura, importante [...] (Oral, professor de francês, reunião de pais de alunos, fev. 85).

Tem-se, até aqui, duas formas principais de negociação do sujeito com a heterogeneidade que atravessa o seu dizer: as não coincidências do dizer, relacionadas a um “mal dizer”, e as figuras do bem dizer, manifestadas pelas marcas que atestam o “bem dizer” do locutor. Ora, Authier-Revuz (2008) também tratou de outras formas que não manifestam nem o mal, nem o bem dizer, mas o “não dizer”, ou um dizer hipotético. A estas formas, que representam a não efetivação de um item da cadeia discursiva a autora chamou de “modalidades irrealizantes do dizer”.

### 2.3.1.2.3 As Modalidades Irrealizantes do Dizer

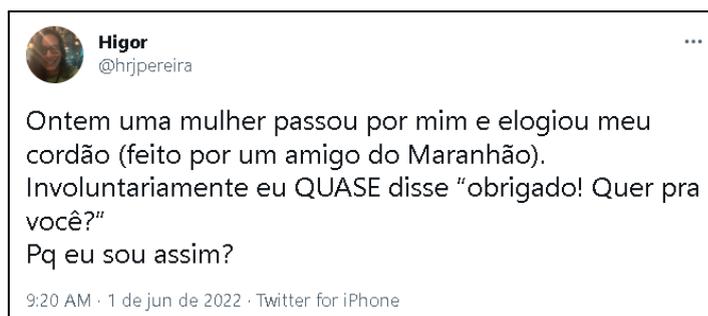
Se as não coincidências do dizer instanciam no texto um distanciamento protetor do locutor em relação ao seu dizer quando a exterioridade interdiscursiva o atravessa, exigindo uma explicação sobre o uso de determinado item léxico-gramatical na tentativa de evitar desvios interpretativos pelo interlocutor e se, no sentido contrário, as figuras do bem dizer manifestam o emparelhamento virtuoso da presença exterior com o projeto de dizer do locutor de modo que ele aponta o exterior como adequado ao seu querer dizer, existe outro

grupo de formas que revela não o distanciamento, nem o emparelhamento, mas o encontro infeliz e inevitável do "exterior" no dizer do locutor. Trata-se das modalidades irrealizantes do dizer, que, de diferentes modos, mostram um conflito entre o dizer e o não dizer, revelando que o locutor não quer dizer o que diz e, se o faz, é porque não encontra outro modo de dizer. São tipos dessa modalidade:

a) **O quase dito:** tem-se nesse grupo as marcas que manifestam a incompletude do enunciado, isto é, mostra-se um dizer não completamente dito, mas quase dito, como se as palavras estivessem à beira de um abismo, equilibrando-se entre a estabilidade e a queda, entre a intenção e o fazer-dizer.

(36) Erotismo da leitura? Sim, desde que jamais se esconda a perversão e **eu diria quase: o medo** (R. BARTHES, *Le grain de la voix*).

(37)



Fonte: <https://twitter.com/hrjpereira/status/1531973886136418305>

b) **O recuo ao que poderia ser dito:** essas marcas revelam o reconhecimento pelo locutor de que o seu modo de dizer pode provocar ruídos na comunicação, assim, ele se protege recuando diante do que diz e das potenciais respostas que o dito pode implicar. Mais uma vez, o locutor só diz o que diz porque não encontra outros modos de atingir seu propósito comunicativo. Todavia, ele sabe que a sua escolha pode não ser a melhor e, apesar das eventuais polêmicas que o seu dizer possa atualizar, ele o usa ao mesmo tempo que confirma que esse uso é ousado.

(38) [...] No que me cabe, o apelo à ciência da literatura, ou à antropologia, ou à semiologia, foi sempre muito ambíguo, muito tortuoso, e **eu ousaria quase dizer falseado muitas vezes** [R. BARTHES, *Entrevista*, 1971].

(39)

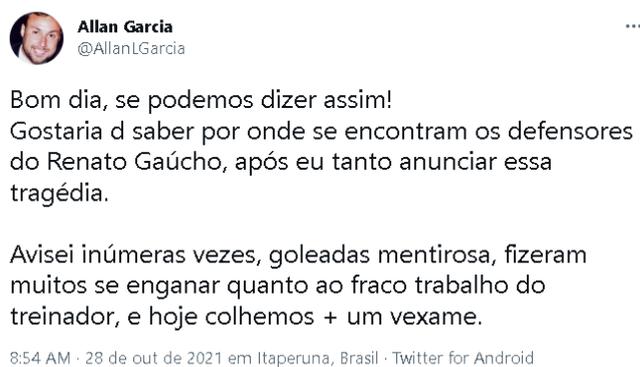


Fonte: [https://twitter.com/\\_alienshe/status/1550640584901230592](https://twitter.com/_alienshe/status/1550640584901230592)

c) **A suspensão da realidade do dito:** nesse tipo de modalidade irrealizante, o dizer fica suspenso pela presença da conjunção “se”. Assim, o dito é colocado como uma possibilidade de enunciar. Entretanto, essa possibilidade é cotextualmente marcada. Passa-se, então, da virtualidade do uso à sua cotextualização. Outra vez, o sujeito se protege do seu dizer mostrando-o como aquilo que apenas poderia ser dito.

(40) Teríamos realocado – **se podemos dizer** – uma família com um bebê em um porão, na falta de um teto [Antony Hebdo, n° 284, 1-5-1987].

(41)



Fonte: <https://twitter.com/AllanLGarcia/status/1453691636769333251>

d) **O questionamento do dito:** nesse grupo, estão as marcas que abrem o enunciado para a sanção dos interlocutores, como se eles pudessem aprovar ou

reprovar o uso em questão. É como se o locutor colocasse em jogo um “será que eu digo?”, ao mesmo tempo que obriga o interlocutor a pensar o mesmo.

(42) É um casal em que cada um tem um papel, **poderíamos dizer**, de prótese para o outro (oral, fev. de 1996).

(43)



Fonte: <https://twitter.com/henricarneiro/status/1551912592578322433>

e) **A rejeição radical ao que não pode ser dito:** essas marcas revelam que o locutor não quer fazer uso de determinado modo de dizer porque este seria inadequado. Não há, portanto, uma medida de proteção, mas a colocação de um ponto de vista sobre o que se enuncia, como se assumisse “não digo assim porque me parece o correto e há outros modos melhores de dizer”.

(44) Eu faço questão de agradecer a Senhora X... que nos emprestou umas fotos, que acabaram não sendo expostas porque nós tivemos muitas outras, **eu não ousaria dizer melhores**, mas, enfim, que nós utilizamos [Oral, 15-6-85].

(45)



Rafael Clancy  
@rafacasemiro

Eu não ousaria dizer que ele se inspirou em Mussolini. Não há capacidade intelectual pra isso. Acredito no fato de ambos serem seres humanos desprezíveis que bebem da mesma fonte - por isso os hábitos (e pensamentos?) tão parecidos.



9:54 AM · 18 de jun de 2022 em São Paulo, Brasil · Twitter for iPhone

Fonte: <https://twitter.com/rafacasemiro/status/1538142987410100224>

De modo geral, aquilo que se diz através de uma dessas formas de modalidade irrealidade do dizer é a não efetuação no aqui e agora do texto de um dizer que apenas poderia se fazer em determinadas condições. Trata-se, portanto, de um modo de dizer sobre o não dizer.

### 2.3.1.3 Formas suprasegmentais

As formas de Modalização Autônômica suprasegmentais manifestam a "exterioridade" discursiva através das aspas, itálicos e negritos no cotexto de produções escritas, e sinais entonativos, em produções orais. Centramos nossa atenção na descrição das aspas, primeiro porque, geralmente, itálicos e negritos são utilizados com função de destaque e ênfase, segundo porque são as aspas o foco de descrição de Authier-Revuz.

Para a autora, existem dois usos principais para as aspas: o uso da autônômica simples e o da Modalização Autônômica, sendo esse último seu interesse investigativo. No primeiro caso, as palavras aspeadas são apenas mencionadas pelo locutor e não utilizadas por ele, como em *A palavra "caridade" tem quatro sílabas*. No caso da Modalização Autônômica, ocorre o acúmulo de uso e menção do elemento aspeado, isto é, o locutor realiza uma

operação metalinguística sobre um ponto do seu dizer do qual ele se distancia através do aspeamento. A primeira consequência desse distanciamento é a necessidade de um comentário reflexivo sobre o elemento posto em destaque no cotexto e que pode aparecer explicitamente na linearidade do texto, embora permaneça implícito na maioria das vezes. É o caso de *Nós nos concentramos provisoriamente com essa “definição”*. Nesse exemplo, a Modalização Autônômica da palavra aspeada (“definição”) aparece implicitamente, como se o locutor dissesse “eu sei que essa não é a forma correta de escrever essa palavra, mas a uso mesmo assim”.

Decerto, esse distanciamento estratégico é, mais uma vez, motivado pelo controle ilusório do sujeito em relação aos "exteriores" que atravessam o seu dizer. É ilusório porque apenas o segmento aspeado é tomado como pertencendo ao discurso outro, como se todo o restante do texto tivesse origem na intencionalidade consciente do locutor. Essa manobra de aspeamento revela, portanto, a capacidade do sujeito de refletir sobre o que diz no momento em que enuncia, seja recuando ou aceitando as palavras do exterior que aparecem no seu texto.

#### 2.3.1.3.1 As aspas

Authier-Revuz (2004) caracteriza e exemplifica cinco tipos diferentes de usos das aspas de Modalização Autônômica: aspas de familiaridade, aspas de condescência, também chamadas de aspas pedagógicas, aspas de proteção, aspas de questionamento ofensivo e aspas de ênfase.

**a) Aspas de familiaridade:** no uso das aspas de familiaridade, o locutor manifesta a presença de um dizer "exterior" ao mesmo tempo em que supõe que os sentidos do segmento marcado no cotexto são compartilhados entre ele e o interlocutor. São chamadas familiares, portanto, por serem do conhecimento dos participantes da interação, não exigindo comentários explícitos sobre seu uso pontual. Nesse sentido, são sempre uma asserção do locutor. É o caso do exemplo abaixo, que não apresentando uma glosa explicativa para uma palavra estrangeira, revela que o locutor supõe pertencer ao domínio do que é conhecido pelo parceiro de interação.

(46) O “sit-in” dos estudantes defronte da embaixada...

**b) Aspas de condescendência ou aspas pedagógicas:** se nas aspas de familiaridade os sentidos da palavra aspeada são totalmente compartilhados e aceitos pelos interlocutores, nas aspas de condescendência o locutor realiza um movimento de tradução que se alinha às inferências que faz sobre a capacidade de compreensão do interlocutor. Nesse sentido, as palavras aspeadas revelam que o locutor utiliza palavras substitutas em relação às que efetivamente gostaria de utilizar, pois supõe ou reconhece que as palavras que deseja enunciar poderiam não ser compreendidas pelo interlocutor. Portanto, a palavra aspeada é apropriada ao interlocutor, mas não ao locutor. É o caso do exemplo abaixo no qual o discurso científico é traduzido para as palavras do interlocutor em um texto publicitário. A tradução é estratégica, visto que o locutor supõe que o uso dos termos técnicos adequados poderia ser empecilho no processo de compreensão do texto pelo interlocutor.

(47) Ora, muitas vezes, essa atividade das células se torna lenta. A pele, especialmente se for seca ou fina, “estica” e “fica marcada” por qualquer coisa (Publicidade de produto de beleza, em *Elle*, 1980).

Por outro lado, as aspas pedagógicas também podem ser utilizadas para revelar o contrário, isto é, que as palavras aspeadas são apropriadas ao locutor, mas não ao interlocutor e que só estão aspeadas na intenção de mostrar ao interlocutor que sobre aquele dizer repousam outros sentidos para além da sua compreensão.

**c) Aspas de proteção:** até agora, fica evidente que o que define o uso de um ou outro tipo de aspas é a relação entre os interlocutores e a predição que o locutor faz do parceiro em relação ao que é ou não é compartilhado em termos de conhecimento do que está se falando na interação. Nas aspas de proteção, o locutor revela ao parceiro a sua própria hesitação em relação às palavras que são exteriores e que podem estar carregadas de interpretações outras, mas que o locutor utiliza como se essa fosse sua única opção.

(48) Os leitores de *La Croix* acompanharam “ao vivo” o lançamento do foguete Ariane (Publicidade para *La Croix*).

**d) Aspas de questionamento ofensivo:** esse tipo de aspa revela uma postura crítica e defensiva em relação ao dizer "exterior" que atravessa o texto. O questionamento do locutor consiste no fato de que as palavras aspeadas não correspondem ao seu posicionamento real, sendo, portanto, produto de uma crítica velada manifestada pelo aspeamento de uma expressão que, em outras circunstâncias, e se enunciada por outro locutor, poderia naturalmente ser utilizada sem aspas. No caso abaixo, o locutor questiona o discurso corrente de que muitas crianças vêm ao mundo por “acidente” sem o recurso de um comentário ou de uma glosa. O que o locutor assume, nesse caso, é que não há acidentes, pois o desejo de ter filhos pode mesmo ser inconsciente.

(49) Toda criança que vem ao mundo por “acidente” pode muito bem ser, de fato, inconscientemente desejada (*Cahiers du C.E.R.M.*, n. 163, p. 102)

(50)



**Igor Vinicius**  
@Igorvinicius11



Em resposta a @magno\_talis @Biakicis e @jairbolsonaro

Vc está comparando um presidente da República q tem toda uma estrutura com 1 médico?  
Além disso, qdo o Drauzio falou isso vem bem no começo e se retratou, o "mito" falou da gripezinha bem de depois e nunca se retratou. O Mito é burro e quem o defende é mais burro ainda.

1:12 AM · 31 de jul de 2022 · Twitter for Android

Fonte: <https://twitter.com/Igorvinicius11/status/1553594407697453057>

**e) Aspas de ênfase:** não estamos levando em conta a descrição de outras marcas de Modalização Autônômica suprasegmental, como o itálico e o negrito, porque essas marcas funcionam, como esse último tipo de aspas, como estratégias fáticas, podendo uma ser trocada pela outra sem maiores prejuízos no projeto de dizer do locutor. As palavras assim aspeadas são, de acordo com Authier-Revuz (2004), uma orientação do locutor para o interlocutor, como se apontasse aquele a assunção completa dos sentidos da palavra aspeada, plenamente adequada ao seu projeto de dizer. O objetivo é realmente enfatizar.

(51) Que partido tomar? Em quem se deve acreditar? E como você pode manter a cabeça fria face aos debates cada vez mais numerosos, cada vez mais apaixonados, que sacodem nossa sociedade [...]. Sobre todos os assuntos [...] LA CROIX lhe traz as informações, as precisões, os números, graças aos quais você formará uma opinião (“sua” opinião) e graças aos quais você não se deixará enganar com facilidade (Publicidade em *La Croix*).

Tendo sido apresentados os diferentes parâmetros para a identificação e caracterização de uma marca de heterogeneidade enunciativa, elaboramos o quadro abaixo que visa resumir essa apresentação. Com ele, mostramos os recursos descritos por Authier-Revuz para mostrar as heterogeneidades por diferentes critérios e que, a nosso ver, podem ser analisados como recursos que marcam estratégias argumentativas.

Quadro 1: Parâmetros para a caracterização de uma marca de heterogeneidade enunciativa

Grau de explicitação			Relação do enunciado com o “exterior”					Modo de negociação do enunciado com o “exterior”			RDO
Modo Marcado	Modo Interpretativo	Modo Grau Zero	Modalização de Empréstimo por Substituição	Modalização de Empréstimo por Acoplamento Centrípeto	Modalização de Empréstimo por Acoplamento Centrípeto	Modalização de Empréstimo por Acoplamento Centrípeto	Modalização de Empréstimo por Acoplamento Centrípeto	Não coincidência do dizer	Figuras do Bem Dizer	Modalidades Irrealizantes do Dizer	Discurso Reportado (DD, DI, DIL)
citação e paráfrases.	Aspas e itálico.	Alusões e lapsos.	Substituição de palavras do locutor por palavras do exterior.	Justaposição das palavras do exterior e das palavras do locutor (nessa ordem) para nomear um mesmo	Justaposição das palavras do locutor e das palavras do exterior (nessa ordem) para nomear um mesmo item da	Apropriação do discurso "exterior" pelo locutor.	Associação de um determinado dizer a um "exterior", seja este o próprio interlocutor, outro sujeito, outro texto ou outro	Marcas que instauram nos textos um afastamento do locutor em relação ao seu dizer.	Marcas que instauram nos textos o encontro adequado entre o que o locutor intenciona enunciar e as	Marcas que mostram um conflito entre o dizer e o não dizer, revelando que o locutor não quer dizer o que diz e, se o faz, é porque não encontra outro modo de dizer.	Marcas que revelam discursos relatados e que não apresentam Modalização Autônoma.

				item da cadeia.	cadeia.		discurso.		palavras que efetua o seu dito.		
--	--	--	--	--------------------	---------	--	-----------	--	---	--	--

Fonte: elaboração própria.

## 2.4 Atualização teórica: a Representação do Discurso Outro (RDO)

Como dito anteriormente, as formas da Modalização Autonímica são sempre uma suspensão da evidência da naturalidade de um dizer pela ocorrência de uma alteridade, explicitada através de uma retomada metaenunciativa que opacifica a expressão do dizer, isto é, tira-lhe a natureza transparente, seu sentido socialmente estabelecido, dispondo-o como um objeto sobre o qual é preciso olhar e refletir reiteradas vezes. Todavia, as formas de Modalização Autonímica não são apenas o lugar em que o locutor leva em consideração o dizer exterior, o outro discurso, o outro interlocutor, mas, sobretudo, o lugar em que se inscreve, em um sentido muito mais amplo, o outro que pode ou não ser “a linguagem dos outros”:

Isso equivale a dizer que a Modalização Autonímica não pertence, como tal, ao campo da representação do discurso outro, ou, se quisermos, não é uma “forma de discurso relatado”, como o são o discurso direto, o indireto ou a modalização do dizer como discurso segundo (do tipo *segundo, para, de acordo com fulano*). Ela constitui uma configuração enunciativa mais geral, de auto-representação do dizer, *suscetível* de remeter explícita (em um subconjunto de suas formas) ou interpretativamente (no caso de sinais tipográficos, aspas, itálico) ao campo do discurso outro que emerge no dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 11).

Assim, apenas algumas formas de Modalização Autonímica são passíveis de remeter, em diferentes graus de explicitação, ao dizer do outro - entendendo “outro” como “outro discurso”, “outro texto” ou “outro interlocutor” - que aparece na linearidade discursiva. A seguir, seguem os tipos de modalização do dizer agrupadas por Authier-Revuz (1999) no campo da “Modalização Autonímica como discurso segundo” ou, como a autora tem preferido chamar nas últimas atualizações de sua proposta teórica, no campo da Representação do Discurso Outro.

Recentemente, Authier-Revuz publicou o livro *La représentation du discours autre - Principes pour une description*, no qual atualiza a discussão sobre a Representação do Discurso Outro. A autora sobrevoou alguns pontos abordados nessa obra em uma conferência virtual realizada pela Associação Brasileira de Linguística (Abralin) em seu canal no Youtube. Na ocasião, Authier-Revuz apresentou o caráter linguageiro, linguístico, discursivo e subjetivo da noção de Representação do Discurso Outro (RDO), formulada por ela para repensar a noção tradicional de Discurso Reportado.

A RDO é um desenvolvimento recente dos estudos da autora sobre as Heterogeneidades Enunciativas, que têm sido seu foco de investigação desde os anos 1980. Para Authier-Revuz, a RDO é, simultaneamente:

- um fato linguageiro, pois presente em diferentes produções discursivas;
- linguístico, pois constitui a própria natureza da língua e se manifesta de diversos modos por meio de uma escala de marcação que vai do hipermercado, como no discurso direto, ao não marcado, como nas alusões;
- discursivo, pois evidencia as bordas interdiscursivas e a "exterioridade" interna de todo discurso;
- e subjetivo, pois coloca em cena um sujeito que produz uma imagem de si por diferença em relação aos outros sujeitos, orientando-se por uma ilusão de domínio sobre as coisas que enuncia que advém do seu imaginário.

Finalmente, discute-se o que a pesquisadora apresenta no final da sua conferência ao responder a questões do chat.

Inicialmente, Authier-Revuz aborda o caráter linguageiro da RDO. Para ela, a capacidade de falar sobre si mesma é um privilégio da língua natural humana, pois estranha a outros sistemas de signos. No primeiro capítulo de sua obra recém-publicada, a autora exemplifica essa assunção com o estudo de Benveniste, de 1966, sobre a comunicação das abelhas. Para esse autor, a comunicação das abelhas se resume à transmissão de dados objetivos, como direção, distância e tipo de alimento encontrado. Desse modo, as abelhas não são capazes de construir uma mensagem a partir de outra mensagem. Authier-Revuz afirma que não haveria RDO na comunicação das abelhas, pois esse sistema de signos não é capaz de categorizar a si mesmo, como o fazem as línguas naturais humanas.

Por isso, é possível dizer que a reflexividade metalinguística é constitutiva e linguageira, pois o discurso é sempre discurso sobre um discurso, seja o discurso que está se fazendo, seja o discurso de um outro. Isso se dá porque não só a metalinguagem é interna à língua, mas porque, considerando a perspectiva dialógica da linguagem assumida por Authier-Revuz, a língua se constitui pela heterogeneidade de vozes que a atravessam. Portanto, são duas as condições que impedem a língua de ser unívoca: a reflexividade metalinguageira e a alteridade discursiva.

Em função disso, a autora passa a apresentar a geografia do espaço metadiscursivo com o objetivo de delinear o caráter linguístico da RDO. De acordo com Authier-Revuz, a geografia da metalinguagem natural é dividida em duas regiões distintas: a região do discurso metalinguístico sobre a língua e a linguagem (ou *types*, para usar o termo da autora) e a

região do metadiscorso sobre o discurso (ou *tokens*). Essa segunda região, por sua vez, divide-se em outras duas: a região do metadiscorso sobre o discurso que está se fazendo e a região sobre o discurso do outro.

Assim, resumidamente, a autora propõe três zonas de referência para o metadiscorso: a Zona A, com enunciados que refletem sobre a língua e a linguagem ("*Está ensolarado*" é uma frase impessoal)<sup>2</sup>, a Zona B, com enunciados que refletem sobre o discurso que está sendo feito (*Estou lhe dizendo que ele será eleito*) e que são o objeto de análise da Autorrepresentação do Dizer (ARD), e a Zona C, com enunciados que refletem sobre o discurso do outro (*Seu grito "Está ensolarado" soou alegremente*) e que são o objeto de análise da RDO, foco da discussão proposta por Authier-Revuz.

Estabelecido o lugar da RDO como uma zona particular do espaço mais amplo da geografia metadiscursiva, Authier-Revuz define a RDO como um ato de enunciação que tem como referência um outro ato de enunciação. A autora representa esses dois atos diferentes com a letra "A" maiúscula, para o ato de enunciação principal, e "a" minúsculo, para o ato de enunciação representado. A pesquisadora propõe que a caracterização detalhada do campo da RDO deve levar em consideração três fatores: o estatuto semântico do enunciado representado, que pode ser de objeto do dizer (*Jean diz que Marie deu uma longa caminhada*) ou fonte do dizer (*De acordo com João, Maria deu uma longa caminhada*); o estatuto semiótico do enunciado representado, que pode se configurar em discurso ordinário, nos casos em que a palavra do outro é apenas usada pelo locutor (*Segundo ele, eu fiz o que estava certo*), ou discurso com autonomização, para os casos em que a palavra do outro é usada e mencionada/mostrada no enunciado ("*Fi-lo bem*", como diria Marie); e o tipo de articulação das ancoragens enunciativas dos dois atos de enunciação (A/a), que podem funcionar de três formas: ancoragens unificadas dos dois atos de enunciação em A; duas ancoragens distintas em um mesmo ato de enunciação A; e ancoragens partilhadas entre os dois atos de enunciação.

É por meio desses fatores que a autora busca revisitar a noção tradicional de Discurso Reportado, assumindo que essa noção comporta apenas uma parte das formas possíveis de se instanciar o dizer exterior no discurso, a saber, as formas do Discurso Direto (DD), Discurso Indireto (DI) e do Discurso Indireto Livre (DIL). Segundo a pesquisadora, a expressão "reportado" implica uma referência temporal anterior ao ato de enunciação em curso na qual

<sup>2</sup> Os exemplos utilizados nesta resenha foram retirados do *handout* disponibilizado por Jacqueline Authier-Revuz para a conferência. O documento está disponível em: <https://aovivo.abralin.org/wp/wp-content/uploads/2020/07/Hand-out-ABRALIN-16-juillet-2020.pdf>.

o locutor poderia se basear para, então, reportar um já-dito. Assim, o Discurso Reportado desconsidera a possibilidade de se representar discursos futuros, ficcionais, que podem ser ditos ou nunca serão ditos.

Assim, Authier-Revuz formula cinco modos pelos quais a Representação do Discurso Outro pode se instanciar discursivamente, quais sejam:

- 1) a forma do Discurso Direto (DD), como em *Ele diz: eu vencerei todos eles!*;
- 2) a forma do Discurso Indireto (DI), como em *Ele diz que vai superar todos*;
- 3) a forma do Discurso Indireto Livre (DIL), como em *Ele não tem dúvidas: vencerá todos eles!*;
- 4) a forma da Modalização Autonímica de Empréstimo (MAE), como em *Segundo ele, ele vai superar a todos*;
- 5) e a forma da Modalização como Asserção Segunda (MAS), como em *Espero que ele os "pulverize", como ele gosta de dizer*.

Depois de explorar o caráter languageiro e linguístico da RDO, Authier-Revuz explana de maneira breve o funcionamento discursivo desse campo da geografia metadiscursiva e a noção de sujeito que ele implica. Para ela, estudar a RDO é estudar as bordas que existem entre os discursos, como postula a Análise do Discurso francesa. Assim, o estudo dos modos pelos quais é possível falar da relação entre diferentes discursos é capaz de revelar os diálogos interdiscursivos que constituem a natureza da linguagem. Essa consideração, por sua vez, implica na noção de sujeito assumida por essa proposta teórica. Authier-Revuz, ainda na década de 1980, recorreu ao dialogismo bakhtiniano e à psicanálise freudo-laciana, duas abordagens "exteriores" à linguística, para dar conta da complexa noção de sujeito de sua teoria enunciativa do sentido.

A autora convoca essas duas abordagens não linguísticas argumentando que ambas destituem o sujeito do domínio do seu dizer, pois, enquanto o dialogismo situa o sujeito em uma relação fronteiriça com o exterior, dispondo-o sempre em uma relação constitutiva com o outro, a psicanálise assume a descentração do sujeito e sua clivagem ao inconsciente, colocando-o como efeito de linguagem. A perspectiva assumida por Authier-Revuz é, portanto, a de um sujeito que não domina completamente as palavras que enuncia porque é atravessado por uma dupla alteridade: a discursiva e a do inconsciente. Desse modo, a noção de sujeito da RDO é aquela mesma das abordagens discursivas, a saber, um sujeito atravessado pelo interdiscurso e clivado pelo inconsciente.

Para a pesquisadora, o sujeito se inscreve nos discursos pela relação de diferença que estabelece com as palavras dos outros, como se fosse senhor de suas palavras e reconhecesse

a presença de palavras que não são suas. Todavia, as formas de RDO manifestam uma negociação do sujeito com a alteridade que o atravessa e da qual ele não consegue escapar. Assim, essas formas terminam constituindo, na verdade, uma máscara de vidro, porque elas revelam mais do que escondem. Esta negociação do sujeito com a alteridade evidencia a tentativa de disfarçar com ataduras a ferida exposta - a Heterogeneidade Constitutiva -, sem eliminá-la do caminho enunciativo.

Finalizando sua fala, ao responder questões do chat, Authier-Revuz esclareceu ainda que a RDO constitui uma parte do campo mais amplo das Heterogeneidades Enunciativas, sistematizado por ela inicialmente na década de 1980 (Cf. AUTHIER-REVUZ, 1982; 1984). A autora também defendeu a possibilidade da existência de outros modos de RDO para além dos que ela sistematizou. A pesquisadora argumenta que a evolução das formas e dos modos de usar a língua permitidas pelos meios digitais pode vir a constituir novos modos de representar discursivamente a fala dos outros. Por último, Authier-Revuz enfatizou que, mesmo não sendo senhor das próprias palavras que enuncia, o sujeito tem uma ilusão necessária desse controle, que é da ordem do imaginário. Assim, o sujeito faz tentativas de ultrapassar esse estado de urgência para o controle de si e do outro pela restauração da univocidade de seu dizer. Ocorre que essas tentativas são uma ilusão instaurada no imaginário do falante como parte integrante da atividade enunciativa.

Como podemos constatar, essa nova proposta de redimensionar algumas heterogeneidades enunciativas inclui não apenas o "discurso reportado" (direto, indireto e indireto livre), mas também modalizações autonímicas de empréstimo (MAE) e modalizações autonímicas de asserção segunda (MAS), portanto há dentro das RDO formas de heterogeneidade que coincidem com outras já aqui descritas. Para não tornar confuso o quadro classificatório, limitaremos as RDO, neste trabalho, apenas aos tipos 1, 2 e 3, que abarcam os modos de discurso reportado.

### 3. A TEORIA DAS HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS NOS ESTUDOS EM LINGUÍSTICA TEXTUAL

Acreditamos que os pressupostos da abordagem enunciativa de Authier-Revuz convergem para os da Linguística Textual em alguns pontos essenciais, primeiro na ideia de que os sentidos de um texto não são pré-construídos do locutor, isto é, não estão prontos, são construídos na interação sociodiscursiva, fato que deriva do próprio princípio do dialogismo; e segundo na proposição de que o heterogêneo pode ser representado por marcas que manifestam a negociação do locutor com o seu próprio dizer e com o jogo de vozes "exteriores" que atravessam seu discurso.

Neste capítulo, retomamos alguns estudos em Linguística Textual que propuseram diferentes aspectos funcionais e argumentativos dos usos das marcas de heterogeneidade enunciativa. Dessa forma, retomamos a assunção de que a análise argumentativa das marcas de heterogeneidade enunciativa interessa a uma análise linguístico-textual, visto que possibilita a compreensão dos meios pelos quais os modos de administrar as vozes na enunciação atestam a negociação dos sentidos na condução argumentativa dos textos. No final do capítulo, produzimos um quadro resumitivo que relaciona certas marcas de heterogeneidade a determinadas funções argumentativas. Esse quadro não pressupõe uma correspondência biunívoca entre formas e funções: apenas sintetiza as ideias presentes em diferentes estudos sobre as possibilidades de uso estratégico de marcas de heterogeneidade enunciativa.

Fonseca (2015) é o primeiro a relacionar a teoria de Authier-Revuz aos interesses da Linguística Textual. Sua tese de doutoramento, embora concluída em 2011, só foi publicada postumamente em 2015, pela editora da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. A tese de Fonseca (2015) é um desdobramento da sua dissertação de mestrado, publicada em 2007. Nesse estudo, o autor analisa, de um ponto de vista discursivo e retórico, as marcas de não coincidências do dizer identificadas em textos dos gêneros artigo acadêmico e artigo de opinião.

Depois de localizar os eventos de não coincidências em artigos acadêmicos e artigos de opinião, gêneros discursivos cuja sequência textual dominante é a argumentativa, Fonseca (2015) verificou se estas expressões faziam ou não parte de um argumento e, em caso afirmativo, de que tipo de argumento. Para tanto, o autor assumiu como pressuposto metodológico as técnicas argumentativas da Nova Retórica, de Perelman e Tyteca (2005). Depois disso, buscou determinar qual a função argumentativa que cada expressão de não

coincidência cumpria nos argumentos.

Embora não fosse seu interesse principal, o autor também analisou as ocorrências de figuras do bem dizer que apareceram nos seu *corpus*. Adaptamos, no quadro abaixo, o resultado das análises de Fonseca (2015), mas advertimos que nossa pesquisa se afasta do trabalho do autor na medida em que não se limita a uma correlação entre marcas de heterogeneidades enunciativas e técnicas argumentativas descritas por Perelman e Olbrechts-Tyteca. Conforme já explicamos, consideramos como estratégico o uso de qualquer recurso linguageiro, não somente as técnicas argumentativas, que seja empregado nas tentativas de influenciar o outro. Além disso, não restringimos a análise às marcas de não coincidência do dizer, pois as marcas de heterogeneidades enunciativas envolvem outros casos.

Quadro 2: Funções argumentativas das não coincidências do dizer e das figuras do bem dizer

Tipo de marca	Função
<p><b>Não coincidência do discurso consigo mesmo</b> (ex.: X, tomo esse termo emprestado de Ext; X, para retomar a palavra de Ext; X, como diz Ext; o que Ext chama, batiza de X; X, para falar de maneira vulgar, pedante...; X, no sentido que lhe atribui Ext). Note-se, pois, que esse tipo de não coincidência pode facilmente se somar às modalizações de empréstimo (ME).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exercem a função de introduzir uma nova argumentação quando um sujeito locutor, valendo-se dela, organiza a proposta de sua tese;</li> <li>- Propõem, reforçam ou reformulam a tese inicial, quando o sujeito locutor, por meio dela, discute a tese proposta no início do texto;</li> <li>- São a balizagem para o argumento;</li> <li>- Justificam a tese proposta;</li> <li>- São usadas como argumento de autoridade;</li> <li>- Tornam-se argumento pela ilustração;</li> <li>- Especificam uma tese;</li> <li>- Tornam-se argumento por definição.</li> </ul>
<p><b>Não coincidências interlocutivas</b> (ex.: digamos X ; X, me dê a expressão...; X, como queira; X, se percebe o que quero dizer; o que você chama de X ; X, para retomar a sua terminologia; X, como você acaba de dizer; X, sei que você não gosta dessa palavra).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobilizam o pathos do auditório;</li> <li>- Demonstram o ethos argumentativo;</li> <li>- Tornam-se argumento de autoridade;</li> <li>- Tornam-se argumento por definição.</li> </ul>
<p><b>Não coincidências entre as palavras e as coisas</b> (ex.: o que podemos, o que é preciso chamar X; X, é a palavra; X, é a palavra exata,</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentam a tese proposta;</li> <li>- Tornam-se argumentos por dissociação das noções;</li> <li>- São argumentos de contradição;</li> </ul>

justa, que convém; X no sentido stricto; X propriamente dito; o que eu chamaria de modo impreciso X; o que poderíamos talvez chamar X; um pode-se dizer X; X, eu uso X na falta de coisa melhor, por comodidade; X, por assim dizer; X, entre aspas; X, embora a palavra não convenha).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introduzem argumentos;</li> <li>- Servem à sedução demagógica;</li> <li>- Servem ao reenquadramento restritivo.</li> </ul>
<b>Não coincidências das palavras com elas mesmas</b> (ex.: X, no sentido p; X, não no sentido q; X, sem (com) jogo de palavras; X, se ousou dizer assim; eu quase disse X; X, no sentido q também; X, no sentido p e no sentido q; X, em todas as acepções da palavra; X, é o caso de dizer; X, é a palavra).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tornam-se argumentos por definição;</li> <li>- Demonstram o ethos argumentativo;</li> <li>- Tornam-se argumentos de comparação;</li> <li>- Reafirmam o acordo prévio.</li> </ul>
<b>O dizer preenchido pelo equívoco</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mantém o acordo prévio;</li> <li>- Apresenta argumentos pragmáticos;</li> <li>- Torna-se argumento por definição.</li> </ul>
<b>O dizer como ato pessoal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresenta a tese proposta;</li> <li>- Propõe a conclusão da tese;</li> <li>- Introduz argumento por identidade.</li> </ul>

Fonte: Fonseca (2015, p. 171-172, adaptado)

Outro contribuição que gostaríamos de destacar é a observação de Fonseca (2015) acerca das semelhanças entre a proposta de Authier-Revuz e a de Bakhtin, sobretudo, na diferenciação realizada pela autora entre a Heterogeneidade Constitutiva e a Heterogeneidade Mostrada. Segundo o autor, o filósofo russo também considerou um emparelhamento entre um princípio e sua forma de instanciação na língua ao definir o dialogismo como um pressuposto abstrato e a polifonia como a materialização desse pressuposto na atividade linguageira.

Decerto que essa noção de polifonia não é muito fiel à noção bakhtiniana, visto que o que o estudioso chama de polifonia não é, necessariamente, a instanciação material do dialogismo na língua, mas o jogo de vozes diferentes que atravessam constitutivamente o dizer. Assim, quando Bakhtin fala de “romance polifônico”, ele fala de um prática dialogal em que os personagens representam uma variedade de vozes que se cruzam, negando-se, aferindo-se, sobrepondo-se etc.

Teria Authier-Revuz realizado, então, apenas uma mudança na terminologia, de dialogismo para heterogeneidade enunciativa, modificando nomes e mantendo os mesmos conceitos? De acordo com Fonseca (2015), uma resposta positiva a essa indagação seria uma acusação injusta. Ocorre que a noção de diálogo desenvolvida por Bakhtin refere-se a um diálogo de vozes que se auferem ou de vozes que entram em conflito ideológico. Desse modo, a linguagem é um campo de batalha em que esses conflitos ideológicos são, por assim dizer, resolvidos, ou não. Authier-Revuz (1990), por sua vez, ao tratar da Heterogeneidade Constitutiva, mostra uma concepção mais ampliada de diálogo, afirmando que a linguagem não é apenas o campo das várias vozes exteriores, conforme propõe o dialogismo, mas também o lugar de vozes do inconsciente.

Se em Bakhtin o outro de que ele fala é outro-locutor, em Authier-Revuz esse outro ganha dimensões maiores: outro locutor, outra língua, outra época, outro sentido, outro contexto, outro lugar, outro ambiente discursivo etc; é justamente isso que faz a linguagem o ambiente do não-Um. A Heterogeneidade Constitutiva se nos apresenta como a possibilidade de múltiplos, sejam esses múltiplos de que modo forem (e não apenas ideológicos) e, estruturalmente falando, podem ser mostrados, marcados (formalmente) ou não, sendo, então, a heterogeneidade mostrada, sintoma da outra (FONSECA, 2015, p. 65).

Nesse estudo, cremos que a mais importante contribuição de Authier-Revuz para o estudo da alteridade constitutiva do sujeito e do seu discurso é não apenas a ampliação da noção de diálogo que sua tese proporciona, mas principalmente a descrição detalhada das marcas de heterogeneidades. Para a autora, o outro não é apenas uma "exterioridade" discursiva retomada no interior de um discurso aparentemente unívoco, mas também aquele mais próximo da autorrepresentação do dizer na qual a incompletude dos enunciados e a clivagem do sujeito são desvelados pelo lapso, pela palavra imperfeita, pelo dizer incompleto. A ideia de clivagem do sujeito é um dos pontos de originalidade da proposta da autora.

A tese de Fonseca (2011) estabelece relações, como vimos, entre um tipo de heterogeneidade enunciativa, as não coincidências do dizer, e as possibilidades de uso dessas marcas do heterogêneo para finalidades retóricas, associando-as aos tipos de técnica argumentativa.

Também inserido nos estudos do texto, o trabalho de Brito (2010) analisa as Heterogeneidades Enunciativas a partir dos estudos sobre Referenciação com o objetivo de testar a hipótese de que as alteridades serão sempre e inevitavelmente marcadas. Alegando

que as formas de marcação reconhecidas por Authier-Revuz se fixavam em aspectos tipográficos, lexicais e sintáticos, Brito (2010) propõe um deslocamento do olhar do que é estritamente linguístico para o que é de base textual, visto que as expressões referenciais, por exemplo, poderiam fornecer pistas para a identificação de uma voz do "exterior" do outro do dialogismo, ou do Outro do inconsciente. Nesse caso, o uso de uma marca tipográfica, como as aspas, o itálico ou o negrito, não seria condição exclusiva para a existência de uma heterogeneidade mostrada marcada, pois outras "marcas" permitem a mostração.

O estudo da autora demonstra, além disso, que a convocação da psicanálise para o escopo da teoria revuziana tem muita razão de ser, ainda que não seja objeto de análise das teorias linguísticas. Com formação em psicanálise freudo-laciana e linguista, Brito (2010) responde a uma dificuldade enfrentada por Authier-Revuz, que assume que seu olhar sobre a psicanálise é ingênuo para tecer comentários mais profundos sobre as vozes do inconsciente, e explica, com exemplos, que não se tem acesso ao inconsciente, mas se pode flagrar momentos em que as vozes do Outro se atravessam no dizer do sujeito. Brito sugere, com isso, que seria oportuna e necessária uma discussão mais especializada sobre os tropeços de linguagem.

De acordo com Brito (2010), a aproximação revuziana entre a linguística e a psicanálise ocorre sobretudo devido ao olhar da autora sobre o sujeito falante, pois, contrariamente à imagem de um sujeito pleno e total, o sujeito psicanalítico é dividido, revelado discursivamente pelas coerções do inconsciente manifestadas pelos tropeços na linguagem:

Atos falhos (erros: sobre lugares, tempos e pessoas...; esquecimentos, perdas, hesitações, gafes; lapsos de fala, de escuta, de escrita, de leitura, toda essa coleção de uma palavra por outra), os sonhos como produtos significantes de uma intensa atividade psíquica, a fala do corpo, cujas paralisias, dores, significativamente localizadas, gravidez psicológica, perdas de voz, por exemplo, constituem manifestações que escapam da vontade consciente do sujeito (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 49-50).

Assim como o dialogismo bakhtiniano e a teoria enunciativa de Authier-Revuz, também a psicanálise, especialmente a laciana, pressupõe a existência de dois níveis de alteridade, isto é, de duas formas de diálogos com as quais o sujeito é obrigado a lidar. Conforme explica Brito, a teoria psicanalítica diferencia um "outro", grafado com um "o" minúsculo, para referir-se ao outro interlocutor e identidade discursiva, de um "Outro"

grafado com “O” maiúsculo para tratar de um diálogo com uma alteridade psíquica. Todavia, a autora esclarece que esse último não é, necessariamente, o inconsciente, mas uma instância psíquica para a qual nos dirigimos e, nesse movimento, deixamos escapar nossos desejos através de marcas na linearidade discursiva.

Uma constatação original da tese de Brito é que os fatos do inconsciente manifestados na língua, considerados por Authier-Revuz como formas não marcadas de heterogeneidade, podem ser assinalados por pistas da construção referencial do sujeito, que supõe ter controle de seu dizer. As pistas de referenciação também poderiam constituir marcas, portanto. Brito considera que, do ponto de vista estrutural, o surgimento do outro no fio do discurso é sempre um sobressalto, uma forma diferente daquelas clássicas de marcação (as aspas, o negrito, o itálico, o discurso reportado etc.).

Lembremos que um dos três parâmetros para identificação e classificação de uma marca de heterogeneidade é o seu grau de explicitude no texto. Seguindo esse parâmetro, os lapsos e as alusões são descritos como o tipo menos marcado de heterogeneidade (Marcação Grau Zero). Brito (2010) argumenta em favor da inclusão de fenômenos de natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem tidos como marcados, assumindo que as ocorrências dos lapsos, realizadas na forma de um sobressalto na fala, também são formas de marcação da alteridade, visto que, do ponto de vista psicanalítico, sempre haverá marcas linguísticas, pois as marcas não são, ou não são apenas, as que o locutor percebe ou supõe perceber.

Brito (2010) assume que as heterogeneidades mostradas serão sempre marcadas, visto que a própria representação oral ou escrita constitui sua materialidade linguística nos textos. Decerto, se o lapso está no texto e pode ser identificado pelo analista ou pelo leitor atento como um salto, uma pedra no meio do caminho, um equívoco sobre cujo estatuto se pode refletir, seriam necessárias outras marcas para justificar o sobressalto. Se os questionamentos da Brito a levam a reformular a tese revuziana, propondo a existência apenas de um grupo, as heterogeneidades mostradas marcadas, pensamos que é necessário também relacionar essas marcas aos efeitos de sentidos desencadeados por elas.

Dando continuidade às reflexões de sua tese e propondo a continuação do estudo de Fonseca (2015), Brito organiza uma série de estudos voltados para a análise argumentativa das marcas de Heterogeneidade Enunciativa. A partir dessas reflexões, a questão da formas de manifestação textual das heterogeneidades enunciativas e seus efeitos de sentido em textos de diferentes gêneros é inserida no escopo investigativos dos grupos de estudo GELT (Grupos de Estudo em Linguística, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-Brasileira) e Protexto (Grupo de estudos linguísticos, da Universidade Federal do Ceará).

Brito e Pinheiro (2018), por exemplo, investigam as estratégias argumentativas desempenhadas pelas não coincidências do dizer em textos de popularização da ciência da revista *Nova Escola*. Para isso, adotam como ferramenta metodológica as funções discursivas da não coincidências do dizer propostas por Charaudeau e Maingueneau (2008), quais sejam:

- a) autocorrigir-se, através de fórmulas como “eu deveria ter dito”;
- b) corrigir o outro, como em “você quer dizer, na realidade, que...”;
- c) marcar a inadequação de certas palavras, conforme ocorre em “se se pode dizer” e “por assim dizer”;
- d) eliminar antecipadamente um erro de interpretação, é o caso de “no sentido exato” e “em todos os sentidos da palavras”;
- e) desculpar-se, como em “desculpe-me a expressão” e “se eu posso me permitir”;
- f) reformular o propósito, por meio de dizeres como “dito de outra forma” e “em outras palavras”.

Nessa pesquisa, os autores concluíram que, através da escolha de certas expressões, em detrimento de outras, o locutor vai construindo o seu viés argumentativo, em um jogo de esconde-revela. Ao mesmo tempo que ele se distancia do seu dizer, no uso de expressões de não coincidências do dizer, ele se coloca em uma situação de conforto, uma vez que se protege de qualquer acusação ao atrair o interlocutor para a sua teia. Destacamos entre as estratégias argumentativas elencadas por Brito e Pinheiro (2018):

- a) marcar a distância entre o dizer do locutor e o do "exterior";
- b) eliminar antecipadamente uma sanção negativa do interlocutor em relação ao que diz o locutor;
- c) e contrapor pontos de vistas distintos.

Os autores concluíram o estudo afirmando que o ato modalizador é persuasivo porque inscreve a subjetividade na linearidade da superfície textual e, desse modo, manifesta a condução argumentativa que o locutor tenciona dar ao texto

Visando melhor compreender a classificação de Authier-Revuz para as não coincidências do dizer, Brito e Pinheiro (2018) propõem, para efeito de análise argumentativa, um enxugamento da proposta original, reagrupando os quatro tipos em dois grandes blocos: *o bloco das não coincidências entre os discursos*, sendo a palavra discurso tomada no sentido benvenistiano, e *o das não coincidência entre as palavras e os referentes*

O primeiro bloco abarca as duas primeiras não coincidências: as interlocutivas e as interdiscursivas, tendo em vista que elas estão no mesmo campo relacional, ou seja, são, em seu âmago, da ordem apelo dialogal e dialógico. Os autores afirmam que estes dois desvios (das duas primeiras não coincidências) estão inscritos respectivamente na relação com o outro interlocutor e com outro discurso, por isso são examináveis a partir do quadro do dialogismo bakhtiniano. O mesmo não ocorre com as duas outras não coincidências, que concernem ao “real” da língua - como forma e como espaço de equívoco, em que escapam os desejos do inconsciente. Brito e Pinheiro (2018) chamaram este primeiro bloco (das não coincidências interlocutivas e interdiscursivas) de *não coincidência entre os discursos*.

Os pesquisadores chamaram o segundo bloco de *não coincidência entre as palavras e os referentes*. Este bloco diz respeito aos desvios da não coincidência entre as palavras e as coisas e da não coincidência das palavras consigo mesmas. De acordo com os autores, as não coincidências entre as palavras e as coisas e entre as palavras e elas mesmas podem ser examinadas numa mesma categoria, por pertencerem a um mesmo plano de relação de significado e de referência. Assim, propuseram a junção destas duas não coincidências, argumentando que significado (entre as palavras e elas mesmas) e referência (entre as palavras e as coisas) são dois aspectos do signo que precisam ser analisados sempre juntos, numa perspectiva sociocognitivo-discursiva, pela qual se pauta a Linguística Textual.

Reconhecemos que tratar da presença constitutiva de outras vozes em certos textos implica, necessariamente, a abordagem de conceitos como o de dialogismo, interdiscursividade e intertextualidade. Nesse estudo, defendemos metodologicamente as Heterogeneidades Enunciativas por acreditarmos na sua amplitude conceitual para os fatos de alteridade e para as formas de sua representação no cotexto, pois a abordagem vai além da proposição de um princípio languageiro e passa à caracterização de sua instanciação no texto. Convém, portanto, tratar do fenômeno nas suas variadas formas de manifestação nos textos com vista a avaliar seus efeitos de sentido e seu impacto na condução argumentativa desses mesmos textos.

Foi pensando nessas outras formas de manifestação das Heterogeneidades Enunciativas nos textos, indo além das não coincidências, que Brito, Falcão e Souza-Santos (2017) investigaram os usos argumentativos das aspas, partindo da hipótese de que elas são utilizadas de forma proposital pelo locutor, mesmo que certos efeitos de sentido possam escapar ao controle do sujeito sobre o seu dizer. Além desse interesse teórico, os autores sugeriram uma aplicação prática desse estudo voltada para o ensino de língua e de produção textual. Para eles, é preciso que a escola transcenda a abordagem normativa e gramatical do

uso das aspas, assumindo práticas de ensino que considerem os efeitos persuasivos que esse recurso pode desempenhar nos textos.

Os autores localizaram as marcas textuais das aspas em comentários de notícias publicadas na internet e concluíram que essas marcas desempenham estratégias de defesa do locutor em relação ao que diz, bem como mostram a sua assunção ou não assunção de responsabilidade sobre o que enuncia. Com isso, é possível defender a ideia de que, como afirmam Brito, Sampaio e Souza-Santos (2017), o uso das marcas de Heterogeneidade Enunciativa colabora para estratégias argumentativas.

Percebe-se que o percurso dos estudos liderados por Brito orientou-se pela análise gradual das diferentes marcas de heterogeneidade a partir do seu modo de explicitação (modo marcado, interpretativo ou grau zero), indo de modos mais explícitos a modos mais implícitos. Assim, se inicialmente a autora analisa as não coincidências do dizer, formas mais explícitas e prototípicas de Heterogeneidade Enunciativa, e se, em seguida, toma como objeto de análise as aspas, formas menos explícitas e mais interpretativas, é natural que o próximo passo seja a análise de formas ainda menos explícitas, aproximando-se do grau zero de marcação. Foi seguindo esse raciocínio que Brito, Cabral e Morais (2017) avaliaram o uso persuasivo das alusões, formas de heterogeneidade caracterizadas pela dissimulação da alteridade e pelo apagamento total da fonte exterior do dizer.

Nesse estudo sobre as alusões, Brito, Cabral e Morais (2017) dão continuidade à proposta de redefinição da noção de heterogeneidade mostrada marcada, assumindo que apesar de não ser assinalada por marcas tipográficas, como aspas e negrito, as alusões são marcadas, mas de modo diferente. Sua marcação dá-se no nível do referente, isto é, do que efetivamente é construído no texto quando o locutor realiza uma alusão.

Os autores revisitam o que Authier-Revuz considera como intertextualidade alusiva e ampliam a definição da autora, segundo a qual só há intertextualidade alusiva quando há indicações claras da presença de um texto em outro e quando o interlocutor reconhece essa presença do dizer exterior. Contudo, para Brito, Cabral e Morais (2017), as alusões podem apontar para um texto-fonte ou parte dele, para traços de uma obra artística que é de domínio público, para traços dos gêneros discursivos, ou para uma temática divulgada na mídia. Além disso, o reconhecimento pelo interlocutor não é uma condição necessária para a alusão porque os sentidos de um texto podem ser construídos de modos diferentes em diferentes situações de interação. É devido a essa amplitude de formas de manifestação e às dificuldades que a sua elaboração nos textos exige que os autores consideram a alusão como o tipo de intertextualidade mais importante.

Assim, através da análise de diferentes gêneros, como anúncios publicitários, conversas em aplicativos de mensagens instantâneas, memes e publicações no *Facebook*, os autores identificaram três formas possíveis de manifestação da alusão nos textos:

- a) alusões relacionadas a conhecimentos mais gerais e compartilhados por um grande número de pessoas;
- b) alusões relacionadas a conhecimentos partilhados por pessoas de uma mesma nacionalidade e
- c) alusões relacionadas a informações mais intimamente partilhadas.

Brito, Cabral e Morais (2017) concluem que a alusão exige algum tipo de erudição ou de conhecimento particular, visto que sua produção exige muitas habilidades do locutor, como criatividade, capacidade de estabelecer relações e amplo conhecimento enciclopédico. Assim, a alusão é uma estratégia argumentativa porque revela um saber-dizer do locutor, isto é, requer uma “erudição” capaz de impressionar e, com isso, quem sabe, persuadir o interlocutor. Nesse sentido, o que está nas entrelinhas de um jogo alusivo é um jogo de poder no qual o locutor se impõe como detentor de um saber que pode não ser compartilhado pelo seu interlocutor.

De modo geral, os estudos em Linguística Textual apresentados até aqui centraram-se na análise textual-discursiva e argumentativa de algumas marcas de Heterogeneidade Enunciativa. Cortez (2011) dedica-se ao estudo das formas de Representação do Discurso Outro concebendo-as como estratégias textual-discursivas importantes para a construção da categoria argumentativa ponto de vista em reportagens de revistas femininas e masculinas. Na pesquisa, a autora identificou um conjunto de formas nominais que apontavam para o ponto de vista de um locutor, fosse esse locutor o próprio produtor do texto ou um locutor exterior convocado pelo produtor.

Cortez (2011) afirma que, quando convoca o ponto de vista de um locutor do exterior, o produtor do texto pode assumir duas posturas: distanciar-se desse ponto de vista, negando-o criticamente ou ostentando sua origem exterior, ou assumi-lo explicitamente. Tem-se, então, mais duas estratégias argumentativas desempenhadas por marcas de Heterogeneidade Enunciativa:

- a) o distanciamento do locutor em relação ao dizer exterior e
- b) a ostentação do outro locutor exterior pelo produtor do texto.

Abaixo, rascunhamos um quadro resumitivo não definitivo e não fechado no qual associamos os estudos apresentados às marcas de Heterogeneidade Enunciativa e às funções argumentativas que a elas se associam e que tomaremos como hipóteses específicas para

nosso estudo. Reforçamos que essas funções são possibilidades que a literatura sobre o assunto já apontou. Nosso interesse é testá-las e, se for o caso, encontrar outras funções possíveis.

Quadro 3: Quadro resumitivo: funções discursivas das marcas de Heterogeneidade Enunciativa

<b>Autor</b>	<b>Tipo de Marca</b>	<b>Função</b>
Fonseca (2015)	Não coincidências do dizer	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introduzir uma nova argumentação quando um sujeito locutor, valendo-se dela, organiza a proposta de sua tese;</li> <li>- Propor, reforçar ou reformular a tese inicial, quando o sujeito locutor, por meio dela, discute a tese proposta no início do texto;</li> <li>- Balizar o argumento;</li> <li>- Justificar a tese proposta;</li> <li>- Tornar-se argumento de autoridade;</li> <li>- Tornar-se argumento pela ilustração;</li> <li>- Especificar uma tese;</li> <li>- Tornar-se argumento por definição.</li> <li>- Mobilizar o pathos do auditório;</li> <li>- Demonstrar o ethos argumentativo;</li> <li>- Apresentar a tese proposta;</li> <li>- Tornar-se argumento por dissociação das noções;</li> <li>- Tornar-se argumento de contradição;</li> <li>- Introduzir argumentos;</li> <li>- Servir à sedução demagógica;</li> <li>- Servir ao reenquadramento restritivo;</li> <li>- Tornar-se argumento de comparação;</li> <li>- Reafirmar o acordo prévio.</li> </ul>
	Figuras do bem dizer	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manter o acordo prévio;</li> <li>- Apresentar argumento pragmático;</li> <li>- Tornar-se argumento por definição</li> <li>- Apresentar a tese proposta;</li> <li>- Propor a conclusão da tese;</li> <li>- Introduzir argumento por identidade.</li> </ul>
Maingueneau e Charaudeau (2008)	Não coincidências do dizer	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Autocorrigir o enunciado; ;</li> <li>- Corrigir o outro;</li> <li>- Marcar a inadequação de certa palavra;</li> <li>- Eliminar antecipadamente um erro de interpretação;</li> <li>- Pedir desculpas ao interlocutor; ;</li> </ul>

		- Reformular de propósito.
Brito, Cabral e Morais (2017).	Aspas	- Defender-se antecipadamente da interpretação do locutor; - Mostrar assunção ou não assunção de responsabilidade do locutor em relação ao dizer exterior.
Brito, Falcão, Souza-Santos (2017)	Alusão	- Demonstrar o ethos argumentativo (ethos de erudição)
Brito; Pinheiro (2018)	Não coincidências do dizer	- Balizar o argumento; - Tornar-se argumento por definição; - Contrapor pontos de vistas distintos; - Justificar a tese proposta; - Marcar a distância entre o dizer do locutor e o do exterior ; - Eliminar antecipadamente uma sanção negativa do interlocutor; - Solicitar desculpas ao interlocutor por um modo de dizer; - Tornar-se argumento por autoridade.
Cortez (2011)	Reprodução do Discurso Outro	- Instanciar o ponto de vista de um locutor exterior ao texto; - Revelar uma crítica do produtor do texto em relação ao ponto de vista exterior convocado; - Representar a ostentação de um ponto de vista exterior ao texto. - Impor ao produtor do texto o ponto de vista de um locutor exterior. - Justificar o ponto de vista do produtor do texto.

Fonte: elaboração própria.

Certamente, o estudo que propomos é consequência da investigação pioneira de Fonseca (2015), que relacionou as não coincidências do dizer às técnicas argumentativas apresentadas na Nova Retórica, de Perelman e Tyteca (2005). Entretanto, uma problemática escapa à escolha teórica do autor: ao eleger o aparato da Nova Retórica, Fonseca ignora que essa teoria da argumentação pouco pode contribuir para a análise da argumentação como característica inerente dos textos e dos discursos, visto que, conforme aponta Amossy (2018), seu domínio distancia-se da linguística e encontra espaço no âmbito da filosofia e do direito. Além disso, faltou ao trabalho de Fonseca (2015) notar que a noção de sujeito

intencional da Nova Retórica, dono de seu dizer, era incompatível com a visão de sujeito clivado. Por isso, a nossa opção é tomar como respaldo a concepção de sujeito e de argumentação de Amossy (2017, 2018, 2019).

Pensamos que a Nova Retórica não estuda fenômenos languageiros, mas os esquemas de pensamento que baseiam a argumentação e os tipos de ligação que a constituem. Perelman e Tyteca (2005) visam menos compreender como a argumentação se manifesta nas interações mediadas pelo uso da língua que propor uma taxonomia de técnicas argumentativas relacionadas a esquemas de pensamentos abstratos e prováveis que subjazem à argumentação. Concordamos com Amossy (2018) quando propõe que a criação de um repertório de possibilidades de comunicação argumentativa fornecida pela Nova Retórica não considera propriamente os funcionamentos languageiros, pois mostra-se como uma abstração passível apenas de ser verificada concretamente. Portanto, observamos nessa lacuna o gatilho necessário para assumir outra teoria da argumentação para as análises que pretendemos realizar.

Precisamos de uma teoria que melhor se aplique aos interesses de nossa investigação, a saber, o estudo da argumentação na atividade languageira. Para tanto, assumimos a Teoria da Argumentação nos Discursos, de Amossy (2017, 2018, 2019), conjunto teórico que sintetiza pressupostos de várias outras teorias da argumentação em função de um estudo da argumentação como atividade languageira, comunicacional, dialógica, genérica, figural e textual. Disso decorre outra importante contribuição da nossa pesquisa, a saber, permitir a compreensão de como essa abordagem da argumentação dialoga com os principais interesses da Linguística Textual, que, por sua vez, aceita as descrições das heterogeneidades enunciativas..

#### 4. A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

A Teoria da Argumentação nos Discursos, de Amossy (2017, 2018, 2019), surge como proposta descritivo-explicativa da argumentação como atividade linguageira, comunicacional, dialógica, genérica, figural e textual. Trata-se de uma composição teórica de elementos de diferentes abordagens argumentativas que podem ser utilizados para a análise do funcionamento discursivo da argumentação. Por isso, é para fundamentar um modelo operatório de análise da argumentação em textos que a autora recorre, por exemplo, à Nova Retórica, de Perelman e Tylteca, à lógica natural de Grize e à argumentação na língua, de Anscombre e Ducrot.

Não interessa a nossa pesquisa o percurso histórico dos estudos da argumentação, primorosamente realizado por Amossy (2018). Portanto, não trataremos dos trabalhos que, inegavelmente, balizaram e orientaram a abordagem teórica que adotamos, mas do modelo operatório para a análise da argumentação em textos proposto por Amossy (2017, 2018, 2019).

Para tanto, seguiremos o seguinte caminho: descreveremos o que a autora apresenta sobre a construção do auditório e do ethos como uma atividade discursiva fundamentada em propósitos persuasivos; trataremos da importância das evidências compartilhadas entre os interlocutores e dos tipos de raciocínios que moldam a argumentação; por último, discorreremos sobre os elementos pragmáticos implicados na análise argumentativa, o apelo às emoções, as figuras de retórica e o papel dos gêneros textuais na condução argumentativa dos textos.

O primeiro passo para compreender a Teoria da Argumentação nos Discursos é a distinção que a Amossy faz entre textos de dimensão argumentativa e textos de visada argumentativa. Para compreender essa distinção, recorreremos ao raciocínio de Fiorin (2018), que conclui que, se o dialogismo bakhtiniano é condição constitutiva de todo discurso e, portanto, se todo texto pode responder a textos anteriores de modo conservador ou subversivo, logo o discurso é o espaço privilegiado da contradição, da disputa entre diferentes vozes sociais, da argumentação.

Assim, Amossy assume que todo discurso é argumentativo, logo todo texto possui uma dimensão argumentativa. Entretanto, alguns textos particulares buscam, através de certas estratégias, fazer o interlocutor assumir um ponto de vista sobre determinada questão, por isso são textos de visada argumentativa. Pertencem a esse grupo, por exemplo, gêneros textuais como a carta argumentativa, o artigo de opinião, a resenha e o editorial. No grupo

dos textos que possuem apenas dimensão argumentativa, pois não apresentam uma opinião e um conjunto de estratégias textual-discursivas que visam justificá-lo, podemos citar o romance, a canção, o bilhete, a bula, o manual de instruções etc.

Ora, essa primeira contribuição da argumentação no discurso permite-nos concluir que a noção de argumentação adotada por essa abordagem não é a mesma da Nova Retórica ou da Teoria da Argumentação na Língua. Para Amossy (2018), argumentar não é, ou não é apenas, utilizar um conjunto de técnicas oratórias em função da defesa de um ponto de vista, tampouco se resume ao estudo das orientações semânticas dos enunciados. Para Amossy, argumentar é uma atividade complexa que consiste em orientar, pelo uso da língua através dos textos, os modos de ver, pensar e agir da instância de recepção ou, para utilizar o termo da Nova Retórica, do auditório.

A autora recorre à noção de adaptação ao auditório da Nova Retórica para compreender de que forma a instância de recepção a que se endereça a mensagem do locutor é materializada linguisticamente. Busca-se, então, responder à questão sobre quais as estratégias textual-discursivas mobilizadas pelo orador para construir a imagem de seu auditório. Para a autora, são quatro as estratégias possíveis: o uso de designações nominais explícitas, de descrições do auditório, de pronomes pessoais e de evidências compartilhadas. A elas, poderiam ser acrescentados os usos de marcas de heterogeneidades enunciativas, além, evidentemente, dos processos referenciais, como já proposto por Brito (2010), e dos processos intertextuais. Todos os critérios utilizados pela Linguística Textual são selecionados em função das estratégias argumentativas.

Portanto, para construir a imagem do seu auditório no texto, o orador pode utilizar nomes próprios e vocativos, estratégia comum em gêneros como o e-mail ou a carta, nos quais o locutor inscreve o alocutário no início do texto. Pode-se também realizar descrições detalhadas do público, como no anúncio de emprego, no qual o empregador descreve as características e habilidades que procura no candidato à vaga em questão. Além disso, o locutor pode utilizar pronomes pessoais e de tratamento, situando marcadamente o dispositivo da enunciação e, finalmente, pode fazer uso dos valores, crenças e opiniões compartilhadas socialmente, como ocorre na piada e na charge.

A construção do auditório não é apenas uma etapa a ser cumprida pelo orador em seu empreendimento persuasivo, mas uma estratégia argumentativa. Amossy (2018) afirma que a criação de uma imagem auspiciosa e sedutora do auditório instiga a aceitação dessa imagem na instância de recepção, ou seja, ao ver-se representado no texto o alocutário tende a prestar mais atenção e a compartilhar os pontos de vistas nele expressos. O contrário disso também é

verdadeiro, pois uma má construção do auditório, ou melhor, a criação de um auditório que não permita ao alocutário sentir-se acolhido ou representado pode resultar no fracasso da persuasão.

Não é apenas a instância de recepção que o orador constrói discursivamente de modo mais ou menos conscientemente, mas a sua própria imagem, melhor dizendo, a imagem que melhor se aplica ao seu projeto de dizer. Decerto, essa imagem, bem como a do auditório, não se refere ao sujeito empírico extralinguístico, mas ao(s) sujeito(s) inscrito(s) no texto e pelo texto.

Amossy trata dessa questão a partir da noção aristotélica de *ethos* e indaga-se quanto aos modos pelos quais o orador pode se representar no texto. Para ela, a atividade de análise deve, primeiramente, considerar, no nível pré-discursivo, o *ethos* prévio, ou seja, o modo pelo qual o locutor é sancionado pelo seu auditório antes da tomada de palavra e, em seguida, no nível discursivo, como o orador constrói a sua imagem no texto, conservando ou subvertendo esse *ethos* prévio.

A construção do auditório e da própria imagem do orador pelo uso que este faz da língua, de modo mais ou menos consciente, parece sugerir que argumentar é, antes de tudo, predizer e predizer dizendo. Como não correspondem aos sujeitos empíricos, o *ethos* do locutor e seu auditório são suposições, mais ou menos verossimilhantes, sobre a natureza de quem diz e de quem ouve. Tanto isso parece ser verdadeiro que, mais uma vez, Amossy (2018) apresenta outra estratégia que recorre à predição como estágio fundamental à comunicação persuasiva, a saber, as evidências que o orador supõe serem compartilhadas entre ele e seu auditório.

Baseando-se no conceito aristotélico de *doxa* ou opinião comum, a autora declara que os saberes compartilhados, isto é, o conjunto de conhecimentos, crenças e opiniões reconhecidos e assumidos por determinado grupo social, são o fundamento da argumentação. Nesse sentido, caberia à análise argumentativa investigar como esses saberes podem constituir estratégias argumentativas nos textos. Por outro lado, não interessa a esse tipo de análise as armadilhas ideológicas que estão implícitas no que o locutor admite como socialmente aceito e compartilhado. Nas palavras de Amossy:

A análise da argumentação extrai as camadas dóxicas sobre as quais se constrói o enunciado sem, para tanto, ter de tomar partido a respeito de seu valor ou de seu grau de nocividade, já que ela não fala em nome de uma verdade exterior (feminista, marxista etc.). Seu objetivo declarado consiste em descrever o funcionamento discursivo

de maneira tão precisa quanto possível, estudar as modalidades segundo as quais o discurso busca construir um consenso, polemizar contra um adversário, verificar um impacto em uma dada situação de comunicação. Se uma análise argumentativa poder ser chamada de crítica, ela o é no sentido de que expõe com clareza os elementos dóxicos que a argumentação apresenta frequentemente como evidentes, mas a sua vocação não é a de relacioná-los a uma ideologia tida como condenável, nem de explicar suas posições em relação àquela que ela torna visível (2018, p. 112).

Se é dessa forma que a autora aparelha o seu modelo operatório, como então identificar os saberes compartilhados no texto para análise de sua função persuasiva? Amossy (2018) aponta dois caminhos possíveis, o primeiro, parte das generalizações explicitamente marcadas nos textos e que a autora convencionou chamar de *sentença*; o segundo expõe o que é compartilhado pelos interactantes de modo mais implícito e é categorizado pela autora como *estereótipo*. Sentenças e estereótipos são, assim, estratégias do locutor, que supõe compartilhar com o alocutário certos valores, conhecimentos e crenças.

Amossy (2018) também se debruça sobre os modos como os argumentos são organizados no texto ou, em seus termos, sobre os esquemas argumentativos. Tem-se, assim, um olhar sobre o *logos*. A autora sustenta o ponto de vista de que a análise discursiva da argumentação deve observar tanto os esquemas lógicos que estruturam os argumentos, quanto os procedimentos discursivos envolvidos na interação comunicativa. Para isso, a autora se dedica à descrição de três procedimentos lógicos: o entimema, a analogia e o paralogismo.

O entimema é um tipo de esquema lógico baseado no raciocínio dedutivo e derivado do silogismo, isto é, o raciocínio em que, partindo-se de uma premissa maior (Todos os homens são mortais) e de uma premissa menor (Sócrates é um homem), tem-se uma conclusão (Logo, Sócrates é mortal). O entimema é um raciocínio que não apresenta todos os elementos de um silogismo e que fundamenta a sua lógica no implícito. Cabe ao analista, então, reconstruir os elementos que o entimema procura esconder. Todavia, Amossy denuncia que isso constitui apenas “um estágio superficial da análise” (2018, p. 146). Para ela:

Ao transformar os enunciados em uma série de proposições lógicas que resumem seus conteúdos, apaga-se tudo aquilo que é de ordem interacional. Advém dessas considerações que: 1) a reconstrução do silogismo a partir do entimema parece frequentemente muito custosa para ser fecunda, principalmente se nos perguntarmos se ela constitui um estágio obrigatório da análise; 2) essa reconstrução, mesmo quando bem feita, deixa frequentemente escapar o essencial da troca argumentativa, que não reside na operação lógica subjacente, mas em

um discurso por definição dialógico, em que é a relação entre locutor e os seus alocutários que dá sua força ao conteúdo (2018, p. 143).

Desse modo, a autora tanto assume a importância de se reconstituir os entimemas no processo de análise, para depreender disso o raciocínio lógico subjacente aos argumentos dispostos pelo orador, quanto aponta a deficiência desse processo, qual seja, a não consideração de questões discursiva. Por isso, a autora sustenta, através da análise de textos, que é possível levar em conta tanto a estrutura lógica quanto a materialidade linguística de um argumento.

No que diz respeito à analogia, Amossy a resume como a estratégia do locutor de colocar em perspectiva uma informação nova e uma informação dada de modo que a última sirva como explicação da primeira. Tem-se, assim, uma estratégia assentada no raciocínio indutivo. Um dos instrumentos de análise que deriva desse procedimento lógico é o amálgama, um tipo de analogia que põe em relação comparativa elementos distintos.

O paralogismo ou falácia, por sua vez, é um esquema lógico baseado em um silogismo que parece verdadeiro, mas que na verdade não é. Entretanto, a autora argumenta que não cabe à análise argumentativa avaliar ou denunciar as questões morais inerentes ao uso de uma falácia, devendo ser sua principal preocupação o ensino da detecção desse tipo de esquema discursivo para sua eventual refutação no jogo de trocas verbais.

Conforme explica Amossy (2018), alguns instrumentos oriundos dos estudos pragmáticos podem e devem ser adotados em uma análise discursiva da argumentação. A autora apresenta alguns desses instrumentos, relacionando-os sempre ao importante papel que desempenham na condução argumentativa de um texto, são eles: as escolhas lexicais do orador, o uso dos implícitos (pressupostos e subentendidos) e dos conectores.

Nesse sentido, a análise argumentativa deve considerar que as escolhas enunciativas são sempre motivadas pelo empreendimento persuasivo do orador. Por isso, tanto o uso de um conector particular, como o de uma expressão referencial ou, mais exatamente, da progressão referencial de um objeto discursivo no texto, bem como a omissão de uma informação apenas sugerida no cotexto constituem estratégias argumentativas que orientam o olhar da instância de recepção para os caminhos apontados pelo orador.

Outra estratégia argumentativa discutida pela autora é o *pathos* ou apelo às emoções. Deve-se esclarecer, inicialmente, que apelar à emoção não significa, necessariamente, inscrevê-la no cotexto, isto é, não estamos tratando das emoções que o locutor eventualmente expõe em seu texto na intenção de revelar ao alocutário sua própria comoção diante de um

fato do mundo, mas das emoções que ele evoca com o objetivo de afetar a instância de recepção. Por conta disso, a autora se questiona “como estudar, na materialidade linguageira, não tanto a expressão do sentimento, mas a tentativa de suscitá-lo no outro?” (AMOSSY, 2018, p. 196).

Para ela, deve-se considerar, inicialmente, dois casos típicos, a saber, aquele em que a emoção é evocada explicitamente no texto e aquele no qual é apenas provocada de modo implícito. Tomamos como exemplo do primeiro caso o apelo à ajuda humanitária, como nas campanhas do Criança Esperança ou do Teleton, que geralmente evocam a imagem de sujeitos vivendo em situações precárias e que necessitam da solidariedade de outros indivíduos. Tem-se, então, marcas explícitas inscritas no cotexto que suscitam no auditório sentimentos altruístas. Já para exemplificar o segundo caso, citamos as notícias sobre crimes hediondos, como o feminicídio, que, sem a intenção de suscitar explicitamente sentimentos no auditório, podem provocar indignação em relação ao crime e repulsa em relação ao criminoso.

Para Amossy (2018), a afetividade pode se inscrever através de marcas estilísticas, como o ritmo, a ênfase e as repetições. Todavia, é sobre o as figuras que a autora se propõe a discutir, argumentando que é preciso considerá-las discursivamente, caso se queira avaliar sua eficácia persuasiva. Além disso, a autora ressalta a importância de considerar a relação intrínseca entre emoção e razão que por anos foi ignorada pelos estudos retóricos. Assim, *logos* e *pathos* estão diretamente relacionados, pois não há emoção sem razão, visto que ela se estrutura de maneira lógica.

Os gêneros discursivos também constituem um elemento fundamental para a análise argumentativa dos textos, visto que orientam as escolhas enunciativas do locutor, que, circunscrito às restrições do gênero, inscreve também papéis discursivos previstos na interação. Nas palavras de Amossy:

O gênero de discurso é um modelo discursivo que compreende um conjunto de regras de funcionamento e de restrições. Os gêneros são reconhecidos e valorizados pela instituição, segundo princípios variáveis de hierarquização. Eles permitem socializar a fala individual, colocando-a em modelos endossados e repertoriados que determinam um horizonte de expectativa. Frequentemente, tem-se notado que, sem a mediação dos gêneros, a interlocução seria impossível: os gêneros autorizam, de fato, a boa recepção de um discurso, orientando a escuta ou a leitura (2018, p. 245).

Os pressupostos apresentados servirão de base ao processo de análise, visto que os

critérios adotados para a fundamentação de uma noção de argumentação como uma atividade linguageira, comunicacional, dialógica, genérica, figural e textual muito contribuirão para a compreensão de como os sujeitos negociam os sentidos nos textos e constroem o fazer argumentativo. Assim, conceitos como o de *ethos*, *pathos*, *logos*, gênero discursivo, técnicas argumentativas, modalidades argumentativas, entre outros, serão adotados como categorias de análise no estudo que propomos.

A contribuição de nosso trabalho é também relacionar a noção de argumentatividade de Amossy ao emprego de marcas de heterogeneidade enunciativa, uma relação que ainda não havia sido contemplada em estudos anteriores, como o de Fonseca (2015). A explicação que deixamos nesta dissertação é que o locutor, fazendo suposições sobre o outro (o auditório), elege as marcas de heterogeneidade que lhe parecem mais apropriadas à dadas funções que podem atender a seu projeto de dizer.

Sugerimos que, em pesquisas posteriores, o quadro que sintetizamos no capítulo anterior possa ser ampliado, de modo a contemplar não apenas as não coincidências do dizer e as aspas, mas todas as demais formas de heterogeneidade. Uma contribuição teórica de nossa pesquisa é reorganizar as classificações já descritas por Authier-Revuz no seguinte esquema, que parta da divisão entre marcas suprasegmentais (sobretudo as de marcação zero) e segmentais. Em seguida, dentro das segmentais, seriam incluídas as não coincidências (e modalidades irrealizantes), as figuras do bem-dizer, os modos de discurso relatado e as modalidades autonímicas de empréstimo, bem como as de asserção segunda.

Quadro 4 - Reorganização das marcas de Heterogeneidades Enunciativas

Formas de Marcação "Zero"	Suprasegmentais	Segmentais	
Alusões	Aspas para Modalização Autonímica de Empréstimo Aspas para Modalização Autonímica por Asserção Segunda Outros usos das aspas	Com Modalização Autonímica	Sem Modalização Autonímica
		Não coincidências Figuras do Bem-Dizer	discurso relatado

		<table border="1"> <tr> <td> <table border="1"> <tr> <td>Modalidades Irrealizantes do Dizer</td> </tr> </table> </td> <td></td> </tr> </table>	<table border="1"> <tr> <td>Modalidades Irrealizantes do Dizer</td> </tr> </table>	Modalidades Irrealizantes do Dizer		
<table border="1"> <tr> <td>Modalidades Irrealizantes do Dizer</td> </tr> </table>	Modalidades Irrealizantes do Dizer					
Modalidades Irrealizantes do Dizer						

Fonte: elaboração própria.

Temos consciência de que esse quadro não consegue solucionar todas as sobreposições das classificações de Authier-Revuz, mas pensamos que ele pode dar uma noção mais abrangente dos diferentes tipos de heterogeneidades enunciativas.

A segunda contribuição teórica de nossa pesquisa é sintetizar algumas das funções que foram associadas a esses tipos de heterogeneidade.

Quadro 5: Funções argumentativas das heterogeneidades enunciativas

Marcação Zero	Suprasegmentais	Segmentais	
		Com Modalização Autônima	Sem Modalização Autônima
<b>Alusões</b> Demonstrar o ethos argumentativo (ethos de erudição.	<b>Aspas para Modalização Autônima de Empréstimo e para Modalização Autônima por Asserção Segunda</b> - Defender-se antecipadamente da interpretação do locutor; - Mostrar assunção ou não assunção de responsabilidade do locutor em relação ao dizer exterior.	<b>Não coincidências</b> - Introduzir uma nova argumentação quando um sujeito locutor, valendo-se dela, organiza a proposta de sua tese; - Propor, reforçar ou reformular a tese inicial, quando o sujeito locutor, por meio dela, discute a tese proposta no início do texto; - Balizar o	<b>Discurso relatado</b> - Instanciar o ponto de vista de um locutor exterior ao texto; - Revelar uma crítica do produtor do texto em relação ao ponto de vista exterior convocado; - Representar a ostentação de um ponto de vista exterior ao texto. - Impor ao produtor do texto o ponto de vista de um locutor exterior. - Justificar o ponto de vista do produtor do texto.

		<p>argumento;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Justificar a tese proposta;</li> <li>- Tornar-se argumento de autoridade;</li> <li>- Tornar-se argumento pela ilustração;</li> <li>- Especificar uma tese;</li> <li>- Tornar-se argumento por definição.</li> <li>- Mobilizar o pathos do auditório;</li> <li>- Demonstrar o ethos argumentativo;</li> <li>- Apresentar a tese proposta;</li> <li>- Tornar-se argumento por dissociação das noções;</li> <li>- Tornar-se argumento de contradição;</li> <li>- Introduzir argumentos;</li> <li>- Servir à sedução demagógica;</li> <li>- Servir ao reenquadramento restritivo;</li> <li>- Tornar-se argumento de comparação;</li> <li>- Reafirmar o acordo prévio.</li> </ul> <p><b>Figuras do Bem-Dizer</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Manter o acordo prévio;</li> <li>- Apresentar</li> </ul>
--	--	--

		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="842 219 1102 763">           argumento pragmático;            - Tornar-se argumento por definição            - Apresentar a tese proposta;            - Propor a conclusão da tese;            - Introduzir argumento por identidade.         </td> <td data-bbox="1102 219 1394 763"></td> </tr> </table>	argumento pragmático; - Tornar-se argumento por definição - Apresentar a tese proposta; - Propor a conclusão da tese; - Introduzir argumento por identidade.	
argumento pragmático; - Tornar-se argumento por definição - Apresentar a tese proposta; - Propor a conclusão da tese; - Introduzir argumento por identidade.				

Fonte: elaboração própria.

Repetimos, a seguir, os exemplos já apresentados neste trabalho, a fim de que se possa visualizar as relações que propomos.

#### 4.1 Formas com marcação "zero" - que não apresentam marcas tipográficas: as alusões

- marcar a distância entre o dizer do locutor e o do "exterior";
- eliminar antecipadamente uma sanção negativa do interlocutor em relação ao que diz o locutor;
- e contrapor pontos de vistas distintos.

#### 4.2 Formas suprasegmentais - que manifestam a heterogeneidade por aspas (também itálicos e negrito) e por sinais entonacionais.

- Aspas de familiaridade: para levar a supor sentidos compartilhados

(46) O “sit-in” dos estudantes defronte da embaixada...

- Aspas de condescendência ou aspas pedagógicas - para substituir um segmento por uma paráfrase mais compreensível para o interlocutor

(47) Ora, muitas vezes, essa atividade das células se torna lenta. A pele, especialmente se for seca ou fina, “estica” e “fica marcada” por qualquer coisa (Publicidade de produto de beleza, em *Elle*, 1980).

c) Aspas de proteção - para revelar hesitação e talvez evitar constrangimento

(48) Os leitores de *La Croix* acompanharam “ao vivo” o lançamento do foguete Ariane (Publicidade para *La Croix*).

d) Aspas de questionamento ofensivo - para contraditar uma expressão usada por outrem

(49) Toda criança que vem ao mundo por “acidente” pode muito bem ser, de fato, inconscientemente desejada (*Cahiers du C.E.R.M.*, n. 163, p. 102)

e) Aspas de ênfase - para reforçar um dizer

(50) Que partido tomar? Em quem se deve acreditar? E como você pode manter a cabeça fria face aos debates cada vez mais numerosos, cada vez mais apaixonados, que sacodem nossa sociedade [...]. Sobre todos os assuntos [...] LA CROIX lhe traz as informações, as precisões, os números, graças aos quais você formará uma opinião (“sua” opinião) e graças aos quais você não se deixará enganar com facilidade (Publicidade em *La Croix*).

### 4.3 Segmentais

#### 4.3.1 Não coincidências do dizer

a) não coincidências interdiscursivas e interlocutivas

(17) Feijões verdes, *al dente*, **como dizem os italianos**.

(18) É verdade que, atualmente, **para usar uma expressão da jovem geração**, alguns padrões “se arrebantam” fazendo política, mas... (J. Delors, Ministro da Economia, R.T.L, publicado em *Le Monde*, 1-12-1981, p. 39).

(20) Salientamos esta noite um acontecimento, um feliz acontecimento, **se você me permite esta fórmula**: a publicação neste ano de um conjunto de trabalhos [...] (F. Lazard,

alocução publicada em *Humanité*, 22-2-1980).

- b) não coincidência entre as palavras e as coisas e não coincidência das palavras consigo mesmas.

(22) Quando nossa mesquinha sociedade burguesa, eu não disse bem, nosso mundo de pigmeu, tiver sido dissipado [...] (J. Guéhenno, *Aventures de l'esprit*, 115).

(24) Mas que trabalho, no sentido de parto do termo, que é avançar neste livro! (Correspondência privada, 20-7-88).

Incluimos entre as não coincidências as Modalidades Irrealizantes do Dizer, uma vez que, para nós, não deixam de ser não coincidências com funções distintas, que pendem para a hesitação, para a defensiva. Dentre as funções que autores como Fonseca (2015) discriminaram para as não coincidências, destacamos as seguintes:

- a) Balizar o argumento;
- b) Tornar-se argumento de autoridade;
- c) Tornar-se argumento pela ilustração;
- d) Tornar-se argumento por definição.
- e) Mobilizar o pathos do auditório;
- f) Demonstrar o ethos argumentativo;
- g) Tornar-se argumento de contradição;
- h) Tornar-se argumento de comparação.

Maingueneau e Charaudeau (2008) acrescentam as seguintes funções:

- a) Autocorrigir o enunciado;
- b) Corrigir o outro;
- c) Marcar a inadequação de certa palavra;
- d) Eliminar antecipadamente um erro de interpretação;
- e) Pedir desculpas ao interlocutor; ;
- f) Reformular de propósito.

4.3.2 As Figuras do Bem Dizer - os subtipos já foram descritos pela autora por associação às funções que cumprem.

- a) O dizer de acordo com uma intenção do dizer:

(26) A primeira coisa que fazemos se chegamos ao poder: suprimimos, eu digo isto mesmo, suprimimos, e aí então, por todos os meios, incluindo o que foi empregado por Greenpeace, suprimimos todos os nichos situados [...] em todas as grandes cidades da França,

no interior das quais a soberanidade francesa não exerce (Declaração do candidato da Frente Nacional, Radio-France Vaucluse, janeiro 86).

b) Um dizer de acordo com as leis do dizer:

(28) Fizeram, creio realmente que é preciso dizer, progresso, mesmo se os resultados não estão ainda claros, durante este trimestre (Oral, reunião escolar, março 83).

(29) É uma catástrofe, é preciso chamar as coisas pelo seu nome (Comentário televisado direto da partida de futebol Turim-Liverpool em Bruxelas [posteriormente designada por "A tragédia do Heysel"], A2, maio 85).

c) A nomeação assumida como ato pessoal:

(31) Na Palestina, vê-se em qual sentido Israel é muito mais intruso do que já foi. Os efeitos do recalçamento fazem dele o intruso absoluto, insuportável. Ele deve então demonstrar, não mais tanta flexibilidade e astúcias táticas, mas o que eu chamaria de sensibilidade simbólica (D. Sibony, *Le Monde*, 31-3-88, p. 2).

(32) O que me parece assegurado é que Freud foi tentado por - eu ousa a palavra - uma semiotização do inconsciente, uma construção do inconsciente sob o modo do símbolo (M. Arrivé, *Linguistique et Psychanalyse*, p. 65).

d) Um dizer preenchido pelo equívoco:

(34) Quero que eles cheguem a ler, eu lhes imponho um volume, é o caso de dizer, de leitura, importante [...] (Oral, professor de francês, reunião de pais de alunos, fev. 85).

#### 4.4 Formas de discurso relatado

Para as formas de Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre, Cortez (2011) sugere as seguintes funções:

- a) Instanciar o ponto de vista de um locutor exterior ao texto;
- b) Revelar uma crítica do produtor do texto em relação ao ponto de vista exterior convocado;
- c) Representar a ostentação de um ponto de vista exterior ao texto.
- d) Impor ao produtor do texto o ponto de vista de um locutor exterior.
- e) Justificar o ponto de vista do produtor do texto.

Conforme mencionamos, aproveitamos a lacuna deixada pelo estudo de Fonseca (2015) em relação à escolha de uma teoria argumentativa para a análise da argumentação nos textos para convocar a Teoria da Argumentação nos Discursos, de Amossy, que compreende a argumentatividade como uma característica inerente de todos os discursos (leia-se “textos”) e que sintetiza pressupostos de várias outras teorias da argumentação em função de um estudo da argumentação como atividade linguageira, comunicacional, dialógica, genérica, figural e textual.

## 5. DECISÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

### 5.1 Caracterização da pesquisa

Com base nas considerações de Marconi e Lakatos (2018), definimos o nosso método de abordagem como sendo de caráter hipotético-dedutivo, pois partiremos das lacunas nos estudos sobre o fenômeno da Heterogeneidade Enunciativa, formulando hipóteses sobre a relação de implicação entre as suas formas de manifestação textual e estratégias argumentativas em textos publicados na rede social *Twitter*.

A Linguística Textual, apoiada na Teoria da Argumentação nos Discursos, assume como pressuposto teórico que todos os textos possuem uma dimensão argumentativa e que as escolhas textuais realizadas pelos locutores são orientadas pela intenção de tornar o seu dizer mais persuasivo para, assim, atingir seus propósitos argumentativos. Nesse sentido, acreditamos, através do processo de inferência dedutiva, que as escolhas linguísticas materializadas pelas marcas de Heterogeneidade Enunciativa também são estratégias argumentativamente orientadas.

Com base nas considerações de Gil (2019), nossa pesquisa é do tipo qualitativo e, quanto aos nossos objetivos, é descritiva e exploratória, pois descrevemos, inicialmente, o fenômeno das Heterogeneidades Enunciativas inventariando os seus tipos de marcação previstos na teoria de base e as possíveis funções discursivas desempenhadas por essas marcas previstas na revisão da literatura, para, em seguida, explorar outras formas de marcação das Heterogeneidades Enunciativas através da análise do fenômeno em postagens de usuários na rede social *Twitter* e as estratégias argumentativas que essas marcas desempenham nos textos analisados.

Com relação aos procedimentos técnicos, valemo-nos, primeiramente, da pesquisa bibliográfica, conforme descrita por Gil (2019) e Marconi e Lakatos (2018), para inventariar e descrever os diferentes tipos de marcação textual das Heterogeneidades Enunciativas e suas possíveis funções discursivas previstas na revisão da literatura. Para isso, acessamos algumas bases de pesquisas de trabalhos acadêmicos (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD –, Banco de Teses e Dissertações da Capes, Portal de Periódicos da Capes, Scielo), selecionamos os textos que mais se adequavam aos nossos interesses investigativos e os organizamos em tabela na ferramenta Google Docs. Em seguida, para dar conta da localização das marcas linguísticas de Heterogeneidade Enunciativa em textos publicados no *Twitter* e para a análise das estratégias argumentativas que elas desempenham, utilizamos a técnica da observação direta extensiva por meio da análise de conteúdo (MARCONI;

LAKATOS, 2018).

## **5.2 Delimitação do universo da pesquisa e tipo de amostragem**

Na pesquisa que propomos, objetivamos analisar os diferentes tipos de manifestação cotextual das Heterogeneidade Enunciativa como estratégias para a condução argumentativa em textos publicados na rede social *Twitter*. Para tanto, selecionamos como universo da pesquisa publicados no *Twitter*. Como amostra, foram selecionados 25 textos e os principais critérios de inclusão foram os seguintes: redação em língua portuguesa, uso das *hashtags* #coronavírus e/ou #covid19 no corpo do texto, publicação no ano 2020 e manifestação de algum tipo de marca textual de Heterogeneidade Enunciativa.

## **5.3 Descrição dos procedimentos de coleta e análise dos dados**

Os textos que compõem o exemplário foram recolhidos através do sistema de busca da rede social *Twitter* ([www.twitter.com](http://www.twitter.com)) por meio das tecnopalavras #coronavirus e/ou #covid19. Depois de recolhidos, os textos foram nomeados com a data de sua publicação na rede social seguida do formato do arquivo em .jpg (ex: 09/08/2020.jpg) e arquivados em pasta específica no Google Drive.

Dividimos o processo de análise em duas etapas. Na primeira etapa, localizamos e identificamos as marcas de Heterogeneidade Enunciativa no texto em análise. Caso o tipo da marca encontrada não fosse previsto por Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015, 2020), testávamos a hipótese de que era possível existirem outros tipos de marcação das Heterogeneidade Enunciativa para além dos previstos na teoria de base, como certas estratégias referenciais (verbais, imagéticas e verbo-imagéticas), estratégias intertextuais e recursos tecnológicos próprios dos textos que circulam no *Twitter*, como capturas de tela, retuítes e tecnopalavras (*hashtags*).

Na segunda etapa, passamos à análise das condições de produção, de recepção, de circulação do texto em análise, falando do contrato comunicativo que se estabelece ali, das possíveis intencionalidades do locutor e dos pontos de vista que entram em choque nos discursos que se atravessam nesse texto. Então, relacionamos esses dados com o aparato teórico-metodológico da Teoria da Argumentação nos Discursos, de Amossy (2017, 2018, 2019), com o fito de investigar as estratégias argumentativas desempenhadas pelas marcas textuais de Heterogeneidade Enunciativa.

## 6. AS MARCAS DE HETEROGENEIDADE NA CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA DOS TEXTOS

Para Authier-Revuz (2008), pensar as formas de manifestação das Heterogeneidade Enunciativa como estratégias é uma direção tendenciosa e inadequada, pois uma assunção desse tipo deveria considerar uma concepção de sujeito intencional e que, portanto, é capaz de gerenciar a alteridade conforme os seus propósitos interacionais. Para a autora, pensar as heterogeneidades como estratégias é desconsiderar que a alteridade escapa ao sujeito falante e que elas revelam mais sobre ele do que ele supõe imaginar.

No entanto, temos defendido que as marcas de heterogeneidade enunciativa podem ser analisadas de um ponto de vista textual-discursivo e argumentativo, pois, ao mesmo tempo que revelam negociações obrigatórias do locutor com a heterogeneidade de vozes que atravessam o seu discurso, também atestam escolhas enunciativas que vão tecendo a argumentatividade do dizer que está se fazendo. Pensamos, assim, que essas escolhas são sempre orientadas por um querer-fazer argumentativo e que, portanto, podem ser analisadas como estratégias.

Os textos analisados nesta seção constituem uma parte do *corpus* da nossa pesquisa. Os três exemplos são postagens de usuários do Twitter que, de diferentes modos, constroem pontos de vistas em torno de uma polêmica atualizada após um pronunciamento de rádio e televisão do presidente Jair Messias Bolsonaro, realizado em março de 2020, no qual ele usa a expressão referencial “Gripezinha” para categorizar a doença causada pelo vírus Sars-Cov-2. No pronunciamento, o político defende a tese de que a quarentena adotada como uma estratégia de combate à circulação do referido vírus tratava-se de uma medida desnecessária e que deveria ser revista, pois seus efeitos na economia seriam catastróficos.

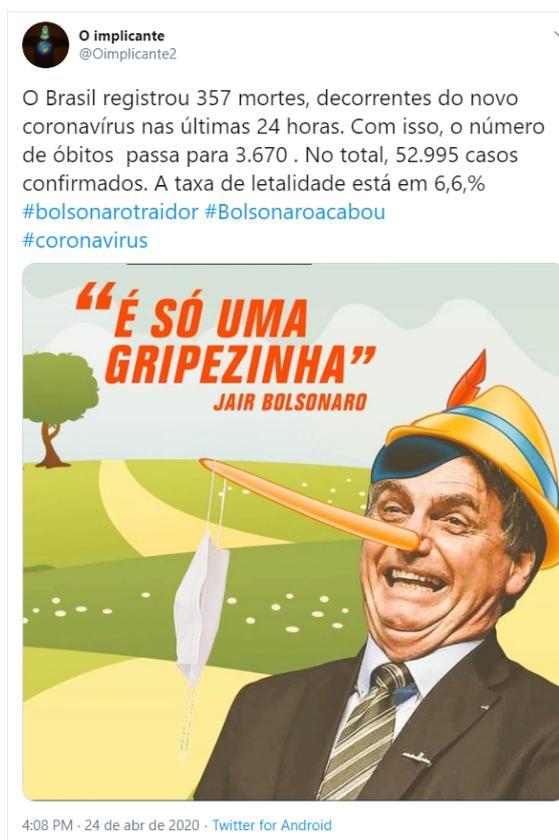
Nosso processo de análise foi dividido em duas etapas: primeiramente, localizamos as marcas de Heterogeneidade Enunciativa no texto e as tipificamos conforme a classificação de Authier-Revuz, por nós redimensionada. Em seguida, tentamos relacionar o uso dessa marca a uma função discursiva prevista no quadro resumitivo que propomos.

Na segunda etapa da análise, relacionamos as funções argumentativas com as marcas de Heterogeneidade Enunciativa, indo além daquelas previstas no quadro resumitivo. Para tanto, relacionamos cada uma das marcas localizadas à Teoria da Argumentação nos Discursos, de Amossy (2017, 2018, 2019). Investigamos sua relação com a adaptação do locutor ao auditório, com a construção discursiva do *ethos* do locutor, com a instanciação do

*pathos* no texto e com as evidências compartilhadas. Então, fizemos considerações sobre o uso dessas marcas na condução argumentativa dos textos em que foram localizadas.

No primeiro texto, identificamos duas marcas prototípicas de Heterogeneidade Enunciativa, a saber, o discurso relatado “É só uma gripezinha” e a alusão ao personagem Pinóquio e ao uso inadequado da máscara de proteção em pronunciamento público.

(1)



Fonte: <https://twitter.com/Oimplicante2/status/1253762745457049600>

O discurso direto utilizado no texto, marcado pelo uso de aspas, pela presença da expressão referencial “Jair Bolsonaro” à guisa de assinatura e pela fotografia do político, corresponde ao trecho do pronunciamento do presidente que desencadeou a polêmica em questão. Em relação ao modo e ao tipo de explicitação dessa marca de Heterogeneidade Enunciativa, tem-se o modo marcado, com o nível máximo de explicitude revelado pelo uso das aspas, e a sua modalidade associativa, pois o produtor do texto associa um dizer a um "exterior", não assumindo, dessa forma, sua responsabilidade sobre o dito. Por explicitar a fala de um indivíduo influente do governo, o discurso direto utilizado poderia ser interpretado como um argumento de autoridade empregado pelo locutor para assentar seu ponto de vista.

É assim que a Nova Retórica, por exemplo, sanciona a presença de um dizer exterior em um texto. Todavia, considerando o texto em sua composição verbo-imagética, percebemos que o dizer reportado sustenta uma crítica feita pelo locutor.

Nesse caso, as aspas não reportam apenas, mas questionam o dizer exterior e situam um ponto de vista do locutor em relação ao que é reportado. É através da contraposição dos dados numéricos sobre as vítimas fatais da doença ao eufemismo utilizado pelo presidente para categorizar a patologia que o locutor ostenta o seu ponto de vista. Desse modo, o discurso relatado desempenha uma função discursiva prevista por Cortez (2011), a saber, revelar uma crítica do produtor do texto em relação ao ponto de vista "exterior" convocado.

Outras marcas de Heterogeneidade Enunciativa que vêm ao encontro do ponto de vista do locutor no texto são as duas alusões que realiza de modo associativo e com grau zero de explicitação: uma ao personagem ficcional Pinóquio, cuja feição clássica foi representada em animação homônima da Disney, de 1940; e outra ao comportamento do presidente da república em uma coletiva de imprensa na qual ele utiliza a máscara de proteção de modo inadequado, fato que virou notícia e gerou diversas críticas pelo mau exemplo do político.

Para Brito, Cabral e Moraes (2017), a alusão demonstra o *ethos* discursivo do locutor, especificamente a sua imagem de erudito, isto é, de alguém com conhecimentos tão amplos que podem ser inacessíveis ao grande público. Porém, pensamos que o uso desse recurso no texto vai além dessa estratégia particular. Ocorre que as duas alusões colaboram para a construção de uma imagem negativa de Jair Bolsonaro, pois o caracterizam como mentiroso e irresponsável, convergindo para a defesa do ponto de vista do locutor. Portanto, se o presidente é retratado como o Pinóquio, conhecido pelo nariz que cresce à medida que se mente, é porque é dessa forma que o locutor o percebe e quer que o seu auditório o enxergue. Para tanto, o orador supõe que seu auditório é capaz de recuperar a alusão ao personagem. Desse modo, o locutor diz, implicitamente, que o presidente mente tanto que o seu nariz cresce e que esse é o motivo que o impede de utilizar adequadamente o uso da máscara de proteção. Grosso modo, pode-se afirmar que a analogia ao personagem de ficção constitui um argumento por comparação: Jair Bolsonaro é mentiroso como o Pinóquio. Essas alusões são baseadas em evidências compartilhadas, pois o orador supõe que seu auditório conhece essas informações por serem conteúdos de domínio público amplamente midiaticizados.

Voltemos, porém, para o uso da alusão como uma estratégia de construção de um *ethos* erudito do locutor, conforme apontam Brito, Cabral e Moraes (2017). Conforme explica Amossy (2018), a análise da construção do *ethos* pelo locutor implica a consideração de seu *ethos* prévio, isto é, do modo como seu auditório o sanciona antes mesmo de ele tomar a

palavra. Para tanto, uma análise do perfil do locutor na rede social permite verificar seu interesse pela crítica política e, sobretudo, à crítica ao bolsonarismo, fato revelado na grande quantidade de tuítes referindo-se negativamente a Jair Bolsonaro. Na seção dedicada à biografia do usuário no *Twitter*, o locutor se define como um “repórter investigativo independente” e completa, acerca do conteúdo do seu perfil no Twitter, que “corrupção, crime contra a população e contra as mulheres são sempre destaques”. É por trás desse papel institucional e digno de confiança que o locutor se coloca.

É esse o *ethos* prévio do locutor que ele procura reforçar no texto em análise. Entretanto, as marcas de Heterogeneidade Enunciativa identificadas, associadas ao trecho com a informação sobre o número de mortes e infectados, convergem não para a criação de um *ethos* positivo para o locutor, que se mostra, simultaneamente, como bem informado, como crítico em relação ao momento histórico de pandemia global e, além disso, como bem humorado, visto que satiriza o presidente em sua analogia. Tais marcas colaboram para um apelo à emoção do alocutário, que pode, simultaneamente, comover-se com a grande quantidade de vítimas da doença e repudiar o depoimento polêmico do presidente.

É possível ainda identificar outras marcas que revelam a presença de um dizer "exterior" no texto. Estas, todavia, não são contempladas pelas marcas descritas por Authier-Revuz. Pensamos que o uso das tecnopalavras, como #bolsonarotraidor e #bolsonaroacabou, constituem marcas de Heterogeneidade Enunciativa e, conseqüentemente, funcionam como estratégias argumentativas no texto, visto que colaboram para a sustentação da crítica realizada pelo locutor e para a criação de uma imagem negativa do político. Pensamos que esse recurso tecnolinguageiro situa esse enunciado no universo de textos que falam sobre esses mesmos assuntos. Desse modo, o recurso viabiliza a marcação no texto da Heterogeneidade Constitutiva, pois evidencia uma comunhão de vozes que concordam com a caracterização pejorativa que é feita para o presidente. Dentro da perspectiva da Linguística Textual, as hashtags são recursos que promovem diálogos intertextuais.

No segundo texto, encontramos uma marca de heterogeneidade clássica, a alusão, e duas outras que estamos considerando como marcas ainda não previstas na teoria de base, ambas podem ser vistas como modos de intertextualidade: a *hashtag* e o gráfico.

(2)



Fonte: <https://twitter.com/JeffWayy/status/1250828451701030919>

É possível reconhecer que o enunciado que precede as *hashtags* alude à fala polêmica comentada do presidente. Destaca-se o não uso das aspas para marcar esse "exterior" discursivo, fato que mostra o grau zero de explicitude e o jogo que o locutor realiza com as evidências compartilhadas com o seu auditório. Como no primeiro caso, é através de uma contraposição de enunciados que o locutor faz aparecer o seu ponto de vista, pois, ao reproduzir um outro texto, a saber, um gráfico com informações sobre o número de óbitos por Covid-19 no Brasil em contraste com o número de mortes por gripe sazonal, o locutor põe em evidência o equívoco em que incorreu o presidente.

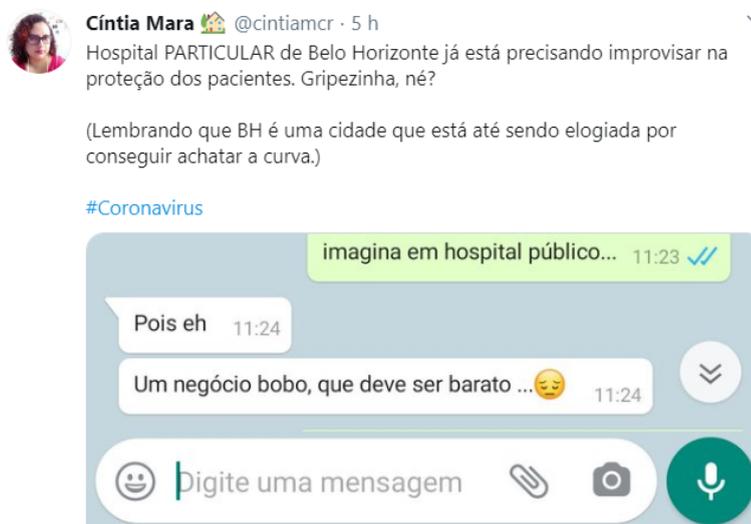
O gráfico utilizado pelo locutor é uma imagem de tela de uma cena de telejornal que, por sua vez, reproduz informações estatísticas do Ministério da Saúde, conforme se verifica na indicação da fonte. Nesse sentido, o gráfico é uma estratégia argumentativa, pois funciona como um argumento de autoridade alicerçado em duas autoridades discursivas: o jornal e o órgão de saúde. Além disso, o jogo comparativo entre as informações das duas colunas do gráfico evidencia um argumento por comparação que mostra que a gripe causada pelo vírus Sars-Cov-19 é mais fatal do que a gripe comum ou que poderíamos chamar de "gripezinha".

Não é o fato de ser um gráfico que faz desse exemplo um caso de marca de heterogeneidade, mas o fato de ser uma imagem extraída de outro texto e aqui inserida como uma citação, com referências. Trata-se, portanto, de uma forma de marcação bem explícita. Com isso, queremos enfatizar que as citações não se evidenciam apenas por marcas tipográficas em um segmento somente verbal, pois segmentos imagéticos também funcionam como marcas de um outro dizer inserido.

Conforme comentamos anteriormente, a alusão não é apenas uma estratégia argumentativa voltada para a construção de um *ethos* erudito. Nesse exemplo, a alusão realizada pelo locutor evidencia o reconhecimento de uma falácia do presidente pelo locutor, que busca não apenas apontá-la ao seu alocutário, mas refutá-la pelo uso de um dizer imageticamente marcado que tenta influenciar o outro com o argumento de autoridade dos dados estatísticos. Tem-se ainda, então, uma outra função discursiva para a alusão, qual seja, introduzir um argumento pela refutação de um dizer "exterior".

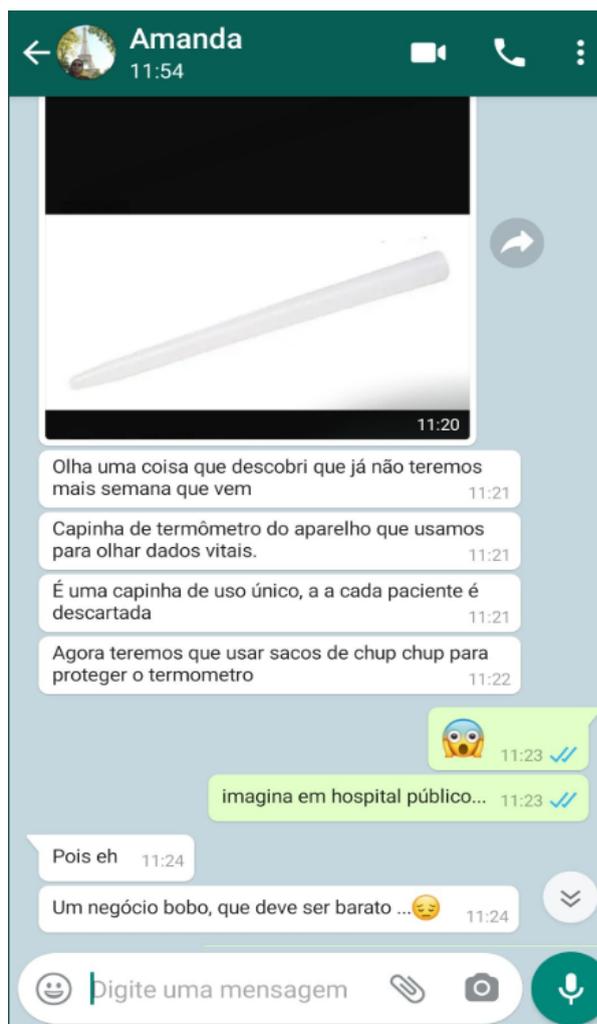
No exemplo abaixo, demonstramos a confirmação da hipótese de que os processos referenciais podem ser marcas de Heterogeneidade Enunciativa e, conseqüentemente, ajudam a conduzir argumentativamente um texto. Nesse *tuíte*, o locutor comenta a improvisação feita por um hospital particular para conseguir atender às demandas de seus pacientes. Destacamos o uso da palavra “particular” em caixa alta, estratégia de ênfase que instaura no texto a oposição entre público e privado, que fundamenta o ponto de vista segundo o qual a situação pandêmica é tão grave que afeta até os mais favorecidos economicamente, aqueles que teriam mais recursos para sobreviver à Covid-19.

(3)



Fonte: <https://twitter.com/cintiamcr/status/1254066584500527106>

(4)



Fonte: <https://twitter.com/cintiamcr/status/1254066584500527106>

Pode-se identificar no texto uma marca clássica de heterogeneidade, a alusão, e outras duas dentro da nossa perspectiva: a *hashtag* e o um texto referente a uma conversa em aplicativo de mensagens instantâneas.

A expressão referencial “gripezinha”, que alude à fala do presidente, estrutura uma pergunta retórica (“Gripezinha, né?”), que é uma estratégia argumentativa fundamentada nas evidências que o produtor supõe serem compartilhadas entre ele e o seu auditório. Dessa forma, o locutor confia que o alocutário concorda com o ponto de vista de que a Covid-19 não é uma gripe qualquer, mas uma doença perigosa que tem afetado pacientes de instituições privadas em uma das capitais mais bem avaliadas em termos de combate à infecção pelo vírus Sars-Cov-19.

Em relação à imagem de tela de celular referente a uma conversa privada em aplicativo de mensagens instantâneas, pode-se concluir que sua reprodução no *tuíte* serve de prova ao ponto de vista defendido pela locutora no enunciado que precede a *hashtag*

#coronavirus. Trata-se, nesse caso, de um texto que funciona como um argumento de autoridade, pois as mensagens foram enviadas por alguém do setor de saúde que trabalha no hospital particular apresentado, o que pode ser verificado pelo uso do verbo na terceira pessoa do indicativo em “Olha uma coisa que descobri que já não *teremos* mais semana que vem”, “Capinha de termômetro do aparelho que *usamos* para olhar dados vitais” e “Agora *teremos* que usar sacos de chup chup para proteger o termômetro [sic]”.

É preciso dizer que o presente capítulo de análise teve apenas um caráter demonstrativo de como as marcas de heterogeneidade enunciativa podem ser analisadas pela perspectiva da Linguística Textual e que, por sua vez, assume os pressupostos da Teoria da Argumentação nos Discursos de Amossy.

## 7. CONCLUSÃO

As análises que empreendemos dos usos das marcas de heterogeneidades enunciativas nos permitem concluir que, ao escolher uma marca de heterogeneidade enunciativa, seja ela qual for, o locutor realiza uma manobra enunciativa que contribui para a tessitura argumentativa dos textos. Dessa forma, embora concordemos com Authier-Revuz quanto à proposição de que o locutor é estruturalmente dividido e atravessado por coerções interdiscursivas, entendemos que as escolhas linguísticas que ele realiza na tentativa ilusória de ter domínio de seu dizer podem, sim, ser analisadas como estratégias de um sujeito intencional, pois elas expressam a subjetividade do sujeito e os seus modos de negociar linguisticamente com a alteridade.

Certamente, Authier-Revuz não se interessou pela análise das estratégias argumentativas que certas marcas de Heterogeneidade Enunciativa poderiam desempenhar nos textos, porque seu objetivo era descrever um conjunto de formas da língua pelas quais fosse possível analisar a alteridade nos modos de enunciar. No presente estudo, não nos contrapomos à descrição realizada pela autora, pois a utilizamos para os propósitos que nos interessavam. Reivindicamos apenas uma recondução das marcas de heterogeneidade para uma perspectiva argumentativa dos discursos através de textos e, mais especificamente, das funções argumentativas desempenhadas por marcas de heterogeneidade enunciativa. Quando tratamos de "funções", foi sempre tendo em vista os modos estratégicos pelos quais as marcas de heterogeneidade são empregadas pelo locutor na busca de influência sobre o outro.

Uma das contribuições deste estudo foi descrever, a partir de Authier-Revuz, os parâmetros por meio dos quais as marcas de heterogeneidade poderiam ser identificadas nos textos. Para nós, a asserção de que a marca de heterogeneidade enunciativa era uma pedra no meio do caminho enunciativo, como assumimos em Brito e Pinheiro (2018), não era mais suficiente. Por isso, nos debruçamos sobre a definição de Modalização Autonímica e sobre as suas formas de aparição nos textos e chegamos a três parâmetros para identificar essas marcas:

(1) seu grau de explicitação no texto, como Modo Marcado, Modo Interpretativo e Modo Grau Zero;

(2) a relação do enunciado com o "exterior" convocado, como Modalização de Empréstimo por Substituição, Modalização de Empréstimo por Acoplagem Centrípeta, Modalização de Empréstimo por Acoplagem Centrífuga e Modalização de Empréstimo Associada;

e (3) o modo de negociação do locutor com o "exterior" convocado, como as Não Coincidências do Dizer, as Figuras do Bem Dizer e as Modalidades Irrealizantes do Dizer.

A esses três parâmetros, acrescentamos apenas três tipos de Representação do Discurso Outro, os quais preferimos chamar de "discurso relatado": discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.

Outra importante contribuição da nossa pesquisa é a compreensão de como a Teoria da Argumentação nos Discursos dialoga com os principais interesses da Linguística Textual, que, por sua vez, aceita as descrições das heterogeneidades enunciativas. Desse modo, estabelecemos uma relação entre a noção de argumentatividade de Amossy e os empregos de marcas de heterogeneidade enunciativa, uma relação que ainda não havia sido contemplada em estudos anteriores. A explicação que deixamos nesta dissertação é que o locutor, fazendo suposições sobre o outro (o auditório), elege as marcas de heterogeneidade que lhe parecem mais apropriadas à dadas funções que podem atender a seu projeto de dizer.

Sugerimos que, em pesquisas posteriores, o quadro que sintetizamos sobre as diferentes marcas de heterogeneidade enunciativa possa ser ampliado de modo a contemplar não apenas as formas clássicas previstas pela teoria de Authier-Revuz, mas formas provenientes da comunicação digital. Uma contribuição teórica de nossa pesquisa foi a reorganização das classificações já descritas por Authier-Revuz em um esquema, que parte da divisão entre marcas suprasegmentais (sobretudo as de marcação zero) e segmentais. Em seguida, dentro das segmentais, foram incluídas as não coincidências (e modalidades irrealizantes), as figuras do bem-dizer, os modos de discurso relatado e as modalidades autonímicas de empréstimo, bem como as de asserção segunda.

Futuramente, aproveitaremos as reflexões realizadas ao longo da pesquisa para a investigação do que, mais recentemente, tem sido foco de investigação de Authier-Revuz, a saber, a Representação do Discurso Outro, que é apenas um outro modo que a autora encontrou de rever muitas das heterogeneidades por ela descritas, analisando-as por uma perspectiva mais discursiva. Acreditamos que a recondução dessa investigação da autora, nascida no âmbito dos estudos da enunciação, para a análise da tessitura textual e, mais especificamente, da argumentatividade nos textos, é necessária e oportuna. Além disso, pensamos que explorar essa nova teoria enunciativa, que atualiza a Teoria das Heterogeneidades Enunciativas, nos permitirá conhecer ainda mais a natureza da alteridade que atravessa todo e qualquer texto.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Algumas considerações sobre Modalização Autonímica e discurso outro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, ed. 116, p. 7-30, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Revista Investigações**, Recife, v. 28, n. Especial, p. 1-39, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1846/1460>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 19, p. 25-42, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, v. 26, 1982. p. 91-151.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéités énonciatives. **Langages**, v. 73, 1984. 98-111.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **La Représentation du Discours Autre**. De Gruyter: Berlin/Boston, 2020.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. O estrato meta-enunciativo, lugar de inscrição do sujeito em seu dizer: implicações teóricas e descritivas de uma abordagem literal. O exemplo das modalidades irrealizantes do dizer. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 33-63, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27906/0>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1966.
- BRITO, Mariza Angélica Paiva; CABRAL, Ályna Maria Fragoso; MORAIS, José Edileudo da Silva. O uso das aspas como recurso argumentativo - o apelo à voz do outro. **PERcursos Linguísticos**, Vitória. v. 7, n. 17, p. 105-120, 2017.
- BRITO, Mariza Angélica Paiva; FALCÃO, Maria Dayanne Sampaio; SOUZA-SANTOS, José Elderson. Apelo a um exterior: as alusões como estratégias argumentativas. *Revista de Letras*, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, v. 2, n. 36, p. 23-35, 2018.

BRITO, Mariza Angélica Paiva; PINHEIRO, Carlos Eduardo Silva. O estatuto argumentativo das não coincidências do dizer. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes. (org.). **Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares**. vol. 2. 1 ed. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 173-188.

BRITO, Mariza Angélica Paiva; PINHEIRO, Carlos Eduardo Silva. **As heterogeneidades como marcas de construção argumentativa**. 2020. (a sair)

BRITO, Mariza Angélica Paiva. Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: Heterogeneidade Enunciativa e construção da referência. 2010. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. O uso argumentativo das não coincidências do dizer. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana Leite; PINTO, Rosalice Botelho Wakin Sousa; PINHEIRO, Clemilton Lopes. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, 2019. p. 25-39.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação. **Linha D'Água**, v. 24, n. 2, 2011, p. 83-100.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CORTEZ, Suzana Leite; Pinheiro, Carlos Eduardo Silva. **Heterogeneidade Enunciativa como estratégias argumentativas no Twitter**. 2020. (a sair).

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FONSECA, Carlos Magno Viana. Linguística Textual e Teoria da Enunciação. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (org.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 357-393.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, (44):105-118, Jan./Jun. 2003.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC. 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Linguística Textual e argumentação**. Campinas: Pontes, 2020. (a sair)

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. Contexto, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Linguística Textual e Argumentação**. 2020. (a sair).

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CORTEZ, Suzana Leite. **A construção textual-discursiva do ponto de vista = vozes, referência e formas nominais**. 2011. 249 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

CUNHA, Dóris de Arruda C. da; GRIGOLETTO, Evandra; CORTEZ, Suzana Leite (org.). **Representação dos dizeres na construção dos discursos**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIOGUARDI, Gabriela. **Argumentação e redes sociais: o tuíte como gênero e a emergência de novas práticas comunicativas**. 2014. 231p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2018.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2019.

FONSECA, Carlos Magno Viana; CAVALCANTE, Mônica Magalhães; **Linguística Textual e Teoria da Enunciação**. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 357-393.

FONSECA, Carlos Magno Viana; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Authier-Revuz e as figuras do bem dizer. **Revista Desenredo**, v. 8, n. 2, 2012, p. 78-94.

FONSECA, Carlos Magno Viana. **Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das Heterogeneidade Enunciativa**. 2007. 225p. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

FONSECA, Carlos Magno Viana. **Uma abordagem retórico-argumentativa para as não coincidências do dizer**. Mossoró: Edições UERN, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREENHOW, Christine; GLEASON, Benjamin. **Twitteracy: tweeting as a new literacy practice**. In: **The Educational Forum**. Taylor & Francis Group, 2012. p. 464-478.

MACEDO, Patrícia Souza Almeida de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, v. 6, 1992.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. **Uma análise textual do pathos em polêmicas**. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

REVISITER le « Discours Rapporté »: la réflexivité métalangagière au cœur de l'énonciation

- enjeux langagiers, linguistiques, discursifs, subjectifs de la Représentation du Discours Autre. Conferência apresentada por Jacqueline Authier-Revuz [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 58min 25s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=t4giw\\_aRnes&t=2472s](https://www.youtube.com/watch?v=t4giw_aRnes&t=2472s). Acesso em: 15 jul. 2020.

REY-DEBOVE, Josette. **Le métalangage**. Etude linguistique du discours sur le langage. Paris: Armand Colin, 1978.

SILVA, Glayse Ferreira Perroni. **O Twitter como um novo gênero digital para o ensino de língua materna a partir de uma análise textual e discursiva do gênero literário microconto**. 2013. 157 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**, São Paulo, 51 (1): 39-79, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'Analyse du Discours Numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017. 400p.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Silva. A representação do discurso outro: um setor da atividade metalinguagem. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1-5, 9 out. 2020.